



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – CAMPUS – IV – JACOBINA

JOSÉ FERREIRA DE SOUZA JÚNIOR

**AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS NA EJA: PROPOSTA
DE ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DO BIOMA CAATINGA**

JACOBINA

2018

JOSÉ FERREIRA SOUZA JÚNIOR

AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS NA EJA: PROPOSTA DE
ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DO BIOMA CAATINGA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras, apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV Jacobina-Ba.

Orientadora: Prof.^a M.^a Djárcia Santana

JACOBINA-BA

2018

JOSE FERREIRA DE SOUZA JÚNIOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras, apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV Jacobina-Ba.

Orientador: Prof.^a. M.^a Djárcia Santana

Aprovado em: _____/_____/_____.

Prof.^a. M.^a Djárcia Santana

Prof.^a. M.^a Gislene Mota do Santos

Prof.^a M.^a Rubia Mara Lapa Cunha

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:

João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Souza Júnior, José Ferreira.

S729m As Múltiplas Possibilidades de Aprendizagens na EJA:
Proposta de ensino dos gêneros textuais a partir do bioma
caatinga / José Ferreira Souza Júnior
Jacobina - BA
66 f.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito
parcial para obtenção da graduação do curso de Letras,
apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Campus IV Jacobina-Ba. 2017.

Orientadora: Prof.^a M.^a Djárcia Santana

1. EJA. 2. Gêneros textuais. 3. Bioma Caatinga I. Título.

CDD – 418.007

Dedico este trabalho ao meu pai e à minha mãe (em memória) que como homem da existência nunca teve oportunidade de ir à escola, mas soube como poucos ver além dos livros que lhe foi negado e deu o seu melhor para dar uma educação para seus filhos. Que ele seja sempre minha referência mais profunda, em todos os sentidos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me concedido forças para encarar todas as dificuldades que surgiram durante essa caminhada. À minha família, em especial ao meu pai, José Ferreira de Souza, a minha mãe, Noemi Pinheiro de Araújo (em memória) e o meu irmão, 1º sargento Gilton Tarcísio, (PMBA), e minha irmã, Neyla Gorete e aos demais irmãos, por compreenderem os momentos de dificuldades que passei, vocês são o maior presente que Deus poderia ter me concedido. Vocês me orgulham e são o motivo de eu querer ser uma pessoa melhor a cada dia, vocês sempre me proporcionaram momentos de alegrias que jamais serão esquecidos. Ao meu amigo Rafael Figueiredo, agradeço também a todos os professores da Uneb, que foram para mim um grande exemplo, e aqueles que passaram por minha trajetória acadêmica, vocês contribuíram significativamente para que esse momento, acontecesse em especial à Professora Rubinha, que com sua sensibilidade de uma educadora de excelência me estendeu a mão no momento bem complicado da graduação e a nossa orientadora professora que se comprometeu em nos ajudar e acompanhar nessa etapa tão importante de nossas vidas, muito obrigado!

“(…) aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. “(…) a leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem por escopo realizar uma breve análise sobre os aspectos relativos à qualidade e funcionalidade do ensino da língua portuguesa na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na esfera pública/municipal de Jacobina, no colégio Centro Noturno de Educação da Bahia (CENEB) em turmas de segmento I. Objetivando analisar como e quais os principais gêneros textuais circulam dentro desta determinada esfera. Portanto, faz-se necessário a observância das condições atuais de ensino e das metodologias vigentes em tal ambiente. Assim, teve como temática a modalidade de ensino EJA-educação de jovens e adultos sob a ótica do docente. Dialoguei com os seguintes autores em relação à formação inicial e continuada dos professores da rede pública, considerando importantes as contribuições de Paulo Freire (1998, 2002) e Miguel Arroyo (2007), Leôncio Soares (2004, 2007), Jaqueline Ventura (2012), Maria Margarida Machado (2000, 2001, 2002), Antônio Nóvoa (1999), abordou os principais resultados mediante pesquisa de campo, em busca de compreender a funcionalidade dos gêneros textuais na modalidade de ensino EJA. Então, o lócus da pesquisa foi no Centro Noturno de Educação da Bahia na cidade de Jacobina e teve como propósito identificar as formas de trabalho dos profissionais em relação ao uso de gêneros textuais nas turmas de jovens e adultos. Portanto, o conhecimento que os mesmos atribuem aos trabalhadores /alunos se manifestam em suas produções e fazem referências a vida, baseando-se assim nos estudos do educador Paulo freire. Ao passo em que os dados foram coletados com alunos e com o professor (a) do segmento da EJA, que compreende uma turma de 47 alunos com idade de 18 a 27 anos, no ciclo 2 (dois) que compreende 1º ao 3º ano. Com estudos das obras de Paulo Freire, baseando-se em sua metodologia de ensino, foi concretizado um trabalho de observação contínua e entrevista com questionário aberto aos alunos, através de um acompanhamento e outras formas de diálogo o qual permitiu fazer diagnóstico da amostra coletada. Essa pesquisa serve como conhecimento e identificação de como acontece a educação de jovens e adultos - EJA, na atualidade, e qual é a contribuição na aprendizagem, e na vida dos alunos, no sentido de refletir e rever a metodologia aplicada cujo o verdadeiro papel da escola na sociedade se faz na promoção de emancipação do sujeito e na transformação do espaço social.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Gêneros textuais. Bioma Caatinga. Identidade.

ABSTRACT

The present work has the purpose of carrying out a brief analysis of the aspects related to the quality and functionality of Portuguese language teaching in the Youth and Adult Education modality (EJA), in the public / municipal sphere of Jacobina, at the Centro Noturno de Educação da Bahia in class of segment 1 (one). Therefore, it is necessary to observe the current teaching conditions and the current methodologies in such environment. Thus, the theme of the EJA-youth and adult education modality was the theme of the teacher and precursor of youth and adult education, and I spoke with the following authors regarding the initial and continued formation of public school teachers, considering the contributions of Paulo Freire (1998, 2002) and Miguel Arroyo (2007), Leôncio Soares (2004, 2007), Jaqueline Ventura (2012), Maria Margarida Machado (2000, 2001), the main results through field research, in order to understand the functionality of the textual genres in the EJA teaching modality. So, the locus of the research was in the Centro Noturno de Educação da Bahia school in the Jacobina town, and it's had purpose to identify the forms of professional's work in relation to the use of textual genres in the classes of young people and adults. Furthermore, the knowledge that they attribute to the workers / students is manifested in their productions and references life, based on the studies of educator Paulo Freire. At the same time, the data were collected with students and with the teacher of the EJA segment, which comprises a group of 47 students, between 18 to 27 years old, in the cycle 2 (two) comprising 1st to 3rd year of high school. With studies of Paulo Freire works, based on his teaching methodology, a continuous observation work and an interview with a questionnaire open to students was carried out. Accompanied by a dialogue which allowed do a diagnostic of the sample collected. This study serves as knowledge and identification of how the education of youth and adults - EJA, at present and what is the contribution in learning, and in the student's life, to reflect and review the applied methodology is the true role of the school in society in promoting the emancipation of the subject and in the transformation of social space.

Keywords: Youth and Adult Education. Textual Genres. Caatinga Biome. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Centro Noturno de Educação da Bahia – CENEB.....	21
Figura 2: Aspectos da Caatinga no período de chuva.....	39
Figura 3: Araras azuis.....	40
Figura 4: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacobina-BA.....	53
Figura 5: Banco do Brasil.....	64
Figura 6: Agência de Desenvolvimento Agrário da Bahia.....	64
Figura 7: Convite informativo.....	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BA - Bahia

BIRD - Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

CBD - Convecção Sobre Diversidade Biológica

CE - Ceará

CEAP - Centro de Estudos Assessoria Pedagógica

CEP - Código de Endereçamento Postal

CNE - Conselho Nacional de Educação

CPA - Comissão Permanente de Avaliação

DIREC - Diretorias Regionais de Educação

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FIDA - Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola

GEF - Fundo Global para o Meio Ambiente (sigla em inglês)

GTND - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MG - Minas Gerais

MMA - Ministério do Meio Ambiente

MOBRAL – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

MOVA - Movimento de Educação de Base

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não Governamental

PAN- Brasil - Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca.

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PE - Pernambuco

PI - Piauí

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

RN- Rio Grande do Norte

RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural

SEC - Secretaria de Educação do Estado da Bahia

SESI - Serviço Social da Indústria

SMEC - Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

TNT- The Nature Conservancy

UC - Unidade de Conservação

UNCCD - Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos das Secas (sigla em Inglês).

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
MINHA VIDA FORMAÇÃO	16
1 PERCURSO METODOLÓGICO	17
1.1 Tipo de estudo.....	19
1.2 Lócus da pesquisa.....	21
1.3 Sujeitos da pesquisa	22
1.4 Procedimentos de análise de dados.....	23
2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRIMEIROS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO	26
3 A HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX.....	28
4 A HISTÓRIA DA EJA NO MUNICÍPIO DE JACOBINA: RELAÇÃO DO TRABALHADOR RURAL COM O BIOMA CAATINGA	31
4.1 Relação com a Caatinga: início	31
4.2 Formação administrativa	33
4.3 Relação de Jacobina com a Caatinga	34
4.4 Mar de morros.....	35
4.5 Economia.....	36
4.6 Cultura e lazer	37
4.7 Turismo	37
4.8 População da Caatinga	38
4.9 Indígenas	38
4.10 Plantas medicinais	42
4.11 Diversidade pouco (re)conhecida.....	43
4.12 Índices sociais preocupantes.....	45
4.13 Marcas socioambientais: o gado e o latifúndio	45
4.14 Ligas camponesas, sudene e migração.....	47
4.15 Prioridades da Caatinga	48
5 O PERFIL DOS EDUCANDOS E DOS PROFESSORES DA EJA: AÇÕES E FUNÇÕES	50
5.1 Um passeio pelos gêneros textuais	52
5.2 Gêneros textuais significativos para o trabalhador rural da Caatinga: dialogando com as instituições.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por escopo realizar uma breve análise sobre os aspectos à qualidade e funcionalidade do ensino da Língua Portuguesa na modalidade de Educação de jovens e adultos, (EJA), na esfera pública/municipal de Jacobina, no Centro Noturno de Educação da Bahia em turmas de I segmento. Portanto, faz-se necessário a observância das condições atuais de ensino e das metodologias vigentes em tal ambiente.

A Metodologia utilizada foi de Estudo de Caso com abordagem qualitativa e os sujeitos da pesquisa são os alunos da EJA de turmas do turno noturno no Componente Curricular Língua Portuguesa a partir do recorte temporal de 2016 – 2017, na tentativa de desvelar situações didáticas que irão respaldar os gêneros textuais como instrumento de trabalho.

É importante lembrar que a base de tais gêneros tem um caráter amplo nas discussões atuais na Escola Inovadora, e assim, no intuito de transmitir com maior clareza a esses alunos como seus significados são representativos e têm simbologias próprias. Além de dar visibilidade, a ação comunicativa e a projeção do sujeito através da análise crítica, para dar a capacidade de se posicionar diante de determinados situações comunicativas.

A representação de gêneros como propagandas, tirinhas, capas de revistas, vídeos etc., exposta através do discurso verbal e imagético pode estingar seus respectivos leitores a terem uma compreensão clara e subjetiva das questões sociais e políticas, históricas e ideológicas que possam vir enunciados inseridos nos gêneros. Dando assim, possibilidade de seus receptores terem uma visão pragmática do que vem sendo explicitado nestes textos.

Em contrapartida, a proposta da pesquisa é trazer a abordagem a partir dos gêneros textuais e assim fazer uma investigação tendo como eixos a análise verbal e imagética, como também a interação dialógica e social na perspectiva de Bakhtin (1992) para compreender as nuances da língua e a forma como os alunos articulam seus saberes.

Acredita-se que, todo ato comunicativo possa possibilitar ao leitor uma visão crítica dos diversificados textos direcionados no cotidiano ou não, em turnos de falas para que ocorra uma comunicação efetiva e venha contribuir para uma melhoria do discurso daqueles que foram renegados pela sociedade.

Por outro lado, é necessário enfatizar que todo o trabalho a ser executado nas Escolas Brasileiras principalmente na rede pública priorizando a construção desses momentos de aprendizagens voltados às práticas discursivas onde deve ser levado para o âmbito da educação

de jovens e adultos como uma devolutiva social e com um currículo para a Educação Popular enquanto políticas públicas.

Tal educação de jovens e adultos das classes pobres sempre foi vista pela classe dominante como desnecessária e até “prejudicial” à felicidade desses trabalhadores. O discurso da elite naturalizava a condição financeira; assim, os menos favorecidos deveriam aceitar a posição à qual foram destinados na sociedade.

Na verdade, o que se escondia por trás dessa ideia é que a educação seria subversiva e poderia criar indivíduos perigosos: capazes de entender seu papel enquanto cidadãos, questionadores, insubordinados, inimigos da sociedade estabelecida.

Visto que a ideologia era voltada para o trabalho na agricultura ou mesmo na indústria era braçal e dependia de um treinamento mínimo. Seria um desperdício gastar energia e dinheiro com alfabetização de adultos já inseridos no mercado de trabalho, sendo melhor investir na educação de base – a educação infantil. Essa política de adestramento foi dominante e ainda persiste em nosso meio sem considerar a história da EJA que é de lutas sociais principalmente no Brasil é, portanto, uma história recente. Com o desenvolvimento industrial e a reorganização do processo do trabalho, iniciou-se uma mudança de postura e interesses da elite em relação à formação do trabalhador. A partir daí, houve valorização da educação de adultos, buscando a capacitação profissional desses trabalhadores. Novas iniciativas têm surgido a fim de garantir uma metodologia adequada a discentes com esse perfil. Segundo Cunha (1999), na década de 1940 a ideia que se tinha era de que o analfabetismo gerava pobreza e marginalização. O adulto analfabeto era incapaz política e juridicamente; não podia votar ou ser votado. O fim do Estado Novo trouxe ao país um processo de redemocratização e a necessidade de aumento da quantidade de eleitores.

Diante disso, no final dos anos 1950, Paulo Freire propunha uma nova pedagogia, que levava em conta a vivência e a realidade do educando, uma vez que, ultrapassou os espaços da escola ou que a escola venha interagir e contribuir para a formação integral da pessoa humana. E Que deveria ser um participante ativo no processo de educação. Apesar de estar encarregado de desenvolver o Programa Nacional de Alfabetização de jovens e Adultos, com o golpe militar de 1964, Freire foi exilado e um programa assistencialista e conservador foi criado: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Seu objetivo era apenas a alfabetização funcional – sem apropriação da leitura e da escrita – de pessoas de 15 a 30 anos. Direcionado a escrita do nome com o preenchimento e validade do voto.

A LDB de 1971 limitava o dever do Estado em oferecer ensino a crianças de 7 a 14 anos, porém reconhecia a educação de jovens e adultos como direito de cidadania. Em 1974, foi implantado o CES (Centro de Estudos Supletivos), que dava oportunidade de uma

certificação rápida, mas superficial, com um ensino tecnicista e auto instrucional. A década de 1980 foi marcada pelo desenvolvimento de projetos e pesquisas na área da alfabetização de jovens e adultos. Em 1988, a Constituição passou a garantir o Ensino Fundamental gratuito e obrigatório para todos.

Uma vez que a importância da EJA passou a ser reconhecida em vários países devido às conferências organizadas pela Unesco nos anos 1990. A partir de então, surgiu no Brasil uma mobilização nacional no sentido de diagnosticar metas e ações de EJA. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) garante igualdade de acesso e permanência na escola e ensino de qualidade, além da valorização da experiência extraescolar. Garante ainda Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso a ele na idade própria. O antigo ensino supletivo passou a se chamar Educação de Jovens e Adultos – EJA – e ganhou um sentido mais amplo: preparar e inserir ou reinserir o aluno no mercado de trabalho.

Os objetivos da educação no país são revistos, cabendo agora à escola a responsabilidade de formar o adulto trabalhador. Recentemente, novas iniciativas, como a EJA e o Proeja, têm surgido a fim de garantir metodologias adequadas a discentes com esse perfil.

Em 2000, o Conselho Nacional de Educação estabeleceu, no Parecer nº 11, (das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos), as funções e as bases legais da EJA fundamentadas na LDB, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Diretrizes Curriculares Nacionais. O Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005, institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja, abrangendo a formação inicial e continuada de trabalhadores e a Educação Profissional Técnica de nível médio.

Eventos onde são gerados debates e trocadas experiências, como os fóruns EJA, têm sido importantes na estruturação da EJA e de seus objetivos. Procedimento metodológico compreende o método da história oral temática com o apoio de algumas entrevistas a pessoas responsáveis pela educação no MST, e a professores especializados na área da educação do movimento. Sendo assim o trabalho consta de quatro capítulos. No primeiro capítulo, a abordagem se dará de forma breve sobre a formação da EJA e o contexto histórico da formação de docentes na Bahia; no segundo capítulo, um enfoque está direcionado a modalidade da EJA no municipal de Jacobina concepções e na perspectiva; no terceiro capítulo, apresentarei no campo metodológicos e a análise do discurso com as entrevistas e interpretação de dados; por fim, as considerações finais vão refletir de forma crítica as limitações avanços, dificuldades e perspectivas da construção educativa da EJA que estão propostos neste trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educacional muito importante, pois os seus benefícios refletirão em toda sociedade. Leigos acreditam que a EJA é somente para pessoas idosas, mas sabe-se, que a EJA é uma forma de inclusão, além de resgatar a cidadania do cidadão, pois somente através da educação é que o cidadão irá fazer partido meio em que está inserido e poderá modificá-lo.

A educação é contínua, e a EJA vem como uma forma de inserir o jovem e/ou adulto no caminho da construção do conhecimento, outrora excluído. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.396/96 prevê que a educação de jovens e adultos, se destina àqueles que não tiveram acesso (ou não deram continuidade), aos estudos no Ensino Fundamental e Médio, na faixa etária de 6 aos 17 anos, devendo ser oferecida em sistemas gratuitos de ensino.

O educador será o mediador entre o conhecimento e o aluno, no processo de ensino aprendizagem, para isso, necessitará: de uma formação continuada, fazer uso de técnicas e métodos pedagógicos adequados a turma, observando (idade, grau de instrução, localidade, entre outros fatores), haja vista, estar ensinando a Jovens e adultos. Cada educador terá obstáculos a superar, e é de sua responsabilidade, reconhecer os melhores métodos para alcançar os seus objetivos.

Em suma, o tema escolhido busca elucidar os obstáculos encontrados pelo professor no letramento de jovens e adultos, em busca de soluções para o melhor desempenho do profissional de educação, e a qualidade do ensino aprendizagem. Nesta situação qual seria a conduta do educador, haja vista, o tempo destinado às aulas, muitas vezes, não ser suficiente para um acompanhamento mais individualizado, pois a maioria dos alunos não dedica um tempo ao estudo fora da escola, o que dificulta ainda mais o aperfeiçoamento da leitura e escrita.

A Alfabetização é primordial para o educando prosseguir na sua caminhada na construção do conhecimento. É através da leitura que as portas do conhecimento se abrem, assim, estará apto a discernir, questionar, criticar e refletir sobre todos os acontecimentos em seu cotidiano. Para Freire (1996, p.59), “a alfabetização revela o senso crítico da realidade, dando as condições necessárias ao exercício da plena cidadania, ou seja, exercer seus direitos e deveres na Sociedade”.

Segundo apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, boa parte dos jovens e adultos que passaram algum tempo fora da escola desenvolveram uma cultura fundamentada na oralidade e que uma de suas expectativas em relação à escola é poder aprender e fazer uso de diferentes linguagens. Aprender a ler e a escrever, não só funcionalmente, mas para descobrir os outros mundos que permeiam o nosso, para estabelecer vínculos com outras formas de cultura e para letrar-se.

A possibilidade de trabalhar com a EJA, oferece para a comunidade escolar uma garantia de ofertar um direito previsto por lei para todo cidadão brasileiro, além de atender as

necessidades de inclusão de diferentes pessoas. Fazer parte deste processo gera uma motivação pessoal muito grande ao professor.

MINHA VIDA FORMAÇÃO

Sou José Ferreira de Souza Júnior, nasci em Senhor do Bonfim no Estado da Bahia, tive uma Infância não muito difícil. Cresci na casa de meus pais. Foram anos de dificuldades, mas também de muita alegria e muita satisfação, pois na Família que cresci nunca faltou amor e carinho, estudei em escola pública, apesar de minha mãe como Professora de formação sempre querer o melhor para mim.

Eu me formei no ensino médio aos 21 anos e como todo brasileiro pobre tive que interromper meus estudos para trabalhar, pois bem aos trinta anos resolvi voltar a estudar como o pais passava por uma transformação na área da educação. Foi onde prestei vestibular para a Universidade do Estado da Bahia - UNEB e fui aprovado. A partir daí comecei minha caminhada acadêmica, foi um percurso de superações, mas tudo confiei no Criador e agora estou aqui preste a me formar e realizar um sonho, sempre fui muito determinado, e com visão de futuro, pois queria estudar para melhorar a minha qualidade de vida. Objetivo este que conquistei com muita dedicação aos estudos, perseverança e garra.

Este trabalho tem por objetivo apresentar a minha trajetória educativa, fazendo uma retrospectiva das minhas memórias educativas, a fim de que, possa continuar me aperfeiçoando, com a perspectiva de me tornar um membro construtor de uma sociedade melhor, pois creio que como educador, posso fazer a diferença.

Esta atividade é muito importante, pois me fez lembrar alguns fatos ocorridos no decorrer de minha vida, que com o tempo foram deixadas para trás. E ao analisar tais acontecimentos me levou a pensar, refletir e me orgulhar dos passos que dei para chegar onde estou na construção do conhecimento. Muitas lutas, dificuldades e obstáculos foram transpassados, mas quando olho para trás e paro para escrever este memorial, sinto orgulho e ganho força para continuar nesta caminhada do saber, pois o aprendizado é libertador.

A memória é o grande trunfo que os homens possuem para o seu crescimento, conhecimento e evolução, graças a ele os homens evoluíram através dos tempos, pois somos a única espécie capaz de transmitir conhecimentos permitindo o progresso e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida para a sociedade. De acordo com Wikipédia: a “Memória, segundo diversos estudiosos, é a base do conhecimento. Como tal deve ser trabalhada e

estimulada. É através dela que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências para utilizar durante a vida”.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve inicialmente uma assertiva direcionada aos saberes construídos pelos alunos advindos do Bioma Caatinga da EJA no Centro de Educação Noturno do II,III e IV equivalente ao 6º e 7º ano do Ensino Fundamental com a intenção de contribuir para uma

discussão teórica sobre a formação dos alunos\trabalhadores, cujos resultados vão refletir sobre a prática educativa em ambientes contextualizados, tendo como referência a colaboração e inserção dos gêneros textuais em textos verbal e imagético na aprendizagem dos alunos da EJA.

Debrucei-me em leituras autorizadas para embasar a proposta metodológica que contou com as contribuições teóricas de Marli André (2004) que traz nos seus pressupostos a discussão sobre a abordagem qualitativa e Michel Thiollent (2009) que defende a pesquisa-ação como percurso metodológico nas pesquisas voltadas para a área educacional.

Por se tratar de um estudo qualitativo, foi utilizada a análise de conteúdo como técnica apropriada para construção da análise dos dados, de forma a manter o rigor metodológico e para realizar esta etapa, Laurence Bardin (1977) que trata de subsidiar as inferências realizadas a partir dos dados obtidos durante o estudo através de uma hermenêutica que pudesse permitir uma abordagem mais ampla

Dialoguei com os seguintes autores e temáticas específicas Com relação à reflexão sobre formação inicial e continuada de professores, consideraram-se importantes as contribuições de Paulo Freire (1998, 2002) e Miguel Arroyo (2007), Leôncio Soares (2004, 2007), Jaqueline Ventura (2012), Maria Margarida Machado (2000, 2001, 2002), Antônio Nóvoa (1999), além de dispositivos legais. No campo da contextualização da imagem contou-se com a contribuição de Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011), que apresentam uma abordagem crítico social da cultura visual, Douglas Kellner (1995), que discute a sociedade pós-moderna e sua relação com as imagens, Antenor Rita Gomes (2008), defendendo o uso da imagem em contextos educativos e Carla Gioconda Pinto (2008) que discute a interseção entre imagem, cultura e educação e Gislene Mota dos Santos (2013) sobre a função dos textos imagéticos desenvolvidos na EJA na cidade de Jacobina e sobre a formação de professores de EJA.

Todo o estudo foi construído numa perspectiva de pesquisa do tipo exploratória, Estudo de Caso com abordagem qualitativa, a qual me possibilitou enquanto ao pesquisador um contato direto e prolongado com os alunos da escola selecionada a partir de vivências em sala de aula.

Segundo André e Lüdke (2004, p.11) “a intensidade do envolvimento” do pesquisador “pode variar ao longo do processo de coleta dependendo das exigências e especificidades do próprio trabalho de campo”. Ou seja, durante o trabalho de campo, podem surgir situações adversas que interfiram, influenciem e/ou modifiquem aspectos do universo da pesquisa, como,

por exemplo, a delimitação do problema a ser investigado, a definição de critérios para seleção dos pesquisados, o roteiro para entrevistar os pesquisados, a análise dos dados etc.

No estágio formativo foram selecionados os temas para planejamento das ações que poderiam contribuir para a formação dos alunos, tendo como referência os textos imagéticos visuais que permeiam o cotidiano e as especificidades da EJA. Na perspectiva da pesquisa-ação, as atividades foram planejadas coletivamente, implementadas na sala de aula e avaliadas de acordo com os resultados obtidos. Destaca-se aqui que, no presente momento, foram alcançados os objetivos que concernem a traçar um panorama do uso dos gêneros recursos imagéticos pelos professores da EJA do município de Jacobina e suas percepções e expectativas a partir desse recurso.

Um fato marcante é que a proposta de formação dos professores que veicula a ideia de que a preparação inicial obtida nas escolas de magistério – única “garantia” ao professor labutar em salas de aula sem uma “formação” específica porque na época não havia muitas exigências e nem instituições para realizar tal pleito. Assim, é apresentado ao final deste trabalho (Apêndice C) um cronograma /roteiro de entrevista final que se pretendia realizar com os docentes ao final das atividades de formação.

No entanto, devido a situações adversas (greve, suspensão temporária de aulas, disponibilidade de horário de cada professor diferenciado), dados que estão inclusos parte da formação que ainda se encontram em andamento, embora haja alguns dados relacionados a não aceitabilidade do sujeito pela não incompletude, em decorrência dos resultados que possam ser disponibilizados.

A questão diretiva da pesquisa versa sobre um estudo a aplicabilidade dos gêneros textuais pelos alunos da EJA e como são construídos os significados nos textos produzidos no cotidiano do trabalhador rural do bioma caatinga?

Uma vez que Goldenberg (1999, p. 11) apresenta um enfoque diverso sobre “a metodologia é muito mais do que algumas regras de como fazer uma pesquisa. De modo que já vem auxiliar na reflexão e propicia um “novo” olhar sobre o mundo: um olhar científico, curioso, indagador e criativo”. Fazendo com que os procedimentos venham a ser executados.

1.1 Tipo de estudo

Esta pesquisa tem um cunho exploratório e foi concretizada sobre um problema ou questão de pesquisa que na maioria das vezes são assuntos com pouco ou nenhum estudo anterior a seu respeito. O objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões, ideias ou hipóteses.

A ideia não é testar ou ratificar uma determinada hipótese, e sim realizar descobertas. As técnicas tipicamente utilizadas para a pesquisa exploratória são estudos de caso, observações ou análise históricas, e seus resultados fornecem geralmente dados qualitativos ou quantitativos. A pesquisa exploratória avaliará quais teorias ou conceitos existentes podem ser aplicados a um determinado problema ou se novas teorias e conceitos devem ser desenvolvidos.

Tendo como base a pesquisa exploratória fui a campo e conseguir coletar dados que foram de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, e através de pesquisa com questionários e entrevistas com os alunos. O presente estudo buscou abordar de forma clara e objetiva, como os gêneros textuais influenciam as vidas desses alunos, de modo que na perspectiva bakhtiniana dão significação a vida real dessas pessoas.

A pesquisa exploratória está mais relacionada no levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população. É exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados, mas insights – muitas vezes imprevisíveis – que possam nos indicar o caminho para tomada de decisão correta sobre uma questão-problema.

Neste tipo de pesquisa, a atuação de um especialista é outra característica fundamental para lapidar o grande volume de informação bruta recebida e interpretar da melhor maneira possível, levando como ponto de analogia as vivências de professores de classes de educação de adultos desde o Topa e Brasil Alfabetizado pois fazem parte de suas origens iniciais na escolarização.

No decorrer da pesquisa exploratória foi possível identificar, como demanda o conhecimento de tais gêneros, anúncios, panfletos, contratos de empréstimos, trabalho, recibos e. Sobre isso, Lakatos e Marconi (2010, p. 151), diz que “na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas”.

Figura 01: centro noturno de educação da Bahia



1.2 Lócus da pesquisa

O lócus da pesquisa foi o Centro Noturno de Educação da Bahia, que funciona no Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, fundado pelo professor Deocleciano Barbosa e inaugurada no ano de 1939. No referido espaço foram ministradas aulas da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura nas turmas 6^o\7^o noturno ano na EJA (CENEB). Para tanto está contextualizado a realidade educacional da escola supracitada, bem como as concepções de educação, as demandas físicas e estruturais, e principalmente as características e especificidades de cada turma onde está ocorrendo o Estágio.

A Instituição possui uma excelente estrutura, o seu espaço físico é amplo com inúmeras salas as quais cada uma a sua especificidade entre elas: secretaria, sala dos professores, sala da direção, banheiros masculinos e femininos, cantina, sala de recursos audiovisual usada também como auditório adequado para atender toda a clientela, sala de informática, e biblioteca. As salas de aula oferecem carteiras para todos os alunos e ambiente bastante arejado, proporcionando maior conforto para aprendizagem e bem-estar dos alunos e bom desempenho

do trabalho do professor. A escola também dispõe de recursos midiáticos como Data show, caixa de som, notebook os quais tem contribuído bastante para favorecer o ensino de Língua Portuguesa e Literatura, porém o acesso a estes recursos não tem sido de forma satisfatória, pois a demanda e solicitação dos professores é maior do que a quantidade disponibilizada pelo local.

As salas possuem quadro branco em péssimo estado e tv-pendrive, está por sua vez feito pouquíssimo uso, pois na maioria das vezes não carregam os arquivos selecionados para a aula os quais estão presente no dispositivo, deixando uma inquietude recíproca, tanto para o professor como para os alunos, uma vez que ao alunos nos dias atuais preferem aulas dinâmicas com exposição de materiais audiovisuais , e criativos para eles esses fatores tornam as aulas menos cansativas e oportunizam um aprendizado rápido.

Cabe aqui relatar também os acontecimentos importantes ocorridos durante o período de regência em Estágio Supervisionado III, IV, a sua importância e contribuições para a minha formação, a partir da análise de cada etapa do Estágio e como se deu sua realização.

Durante o meu período de formação o momento mais esperado era o estágio. Pensar em trabalhar em uma sala com indivíduos de vários contextos sociais me causava certas indagações. Viabilizando a possibilidade de enfrentar esta situação e conseguir entrar no meu estágio com uma maior segurança.

1.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram alunos do CENEB de Jacobina do primeiro segmento da EJA II, nível 4, equivalente aos 6º e 7º ano do Ensino Fundamental do turno noturno tendo como os principais sujeitos estudantes trabalhadores oriundos do sertão em especial do Bioma Caatinga com idade entre 18 e 27 anos, da microrregião de Jacobina especificamente do Genipapo¹ que envolve diretamente alunos sendo que 30 eram mulheres e 17 homens perfazendo um total de 47 pessoas. Em seguida, veremos mais alguns dados dos sujeitos da pesquisa no quadro:

¹ O nome Genipapo com “G” obedece ao nome do local, encunhado pelos moradores locais, uma herança cultural....

Quadro de dados pesquisados

Nomes dos sujeitos	Idade	Dados escolares	Localidade onde reside
Raquel Oliveira	21 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
Daniel Augusto dos Santos	25 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
Janiel Lopes Lima	26 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
Antônio Augusto	24 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
José Antônio da Silva Santos	23 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
Paulo Wallace	26 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
Raquel de Oliveira Souza	20 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina
João Vitor	19 anos	1º ano da EJA	Genipapo de Jacobina

1.4 Procedimentos de análise de dados

Após pesquisa exploratória foi possível identificar, como demanda para o sujeito que o conhecimento de tais gêneros tem uma representação social, a visita a campo foi realizada as análises dos dados da pesquisa foram coletados e a partir dos resultados obtidos, a pesquisa teve um resultado satisfatório.

Assim, no primeiro momento do Ateliê de Pesquisa foram selecionados dez sujeitos que participaram do enquete com as seguintes proposições:

No referente ao Uso de gêneros textuais aparece com frequência o uso de anúncios e panfletos como material de conhecimento e satisfação a partir do indicativo crediário de

compras em Lojas como Armazém Paraíba, Real Calçados e Cesta do Povo e abaixo percebe-se que é um uso autorizado pelos sujeitos envolvidos:

Sujeito 1: José Antonio Silva Santos, revistas, jornais, outdoor

Sujeito 2: Paulo Wallace, jornais, panfletos e anúncios de propagandas políticas

Sujeito 3: Antônio Augusto, jornais revistas, contrato de serviço

Sujeito 4: João Vitor, cartas, bilhetes, jornais, livros de músicas

Contudo, o aparecimento de tais gêneros textuais vem reforçar em caráter amplo nas discussões atuais na Escola Inovadora, e assim, no intuito de visar e transmitir com maior clareza a esses alunos como seus significados são representativos em suas vidas cotidianas e têm simbologias próprias que o tornam sujeitos e cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Além de outras falas:

Sujeito 5: Daniel Augusto, e-mail do banco do Brasil, Pauta de reunião, convite de associação, carta de cobrança e aviso da EBDA

Sujeito 6: Janiel Lopes, documentos, carteira de trabalho, formulários de empréstimos

Sujeito 7: Raquel Oliveira, contrato de prestação de serviços, rifas e e-mail do SICOB

Sujeito 8 Raquel Sousa, recibo, nota da padaria, caderno de anotações, convites da associação Rural.

Nos relatos de outros colaboradores percebe-se que, apesar de conhecerem outros gêneros existe um distanciamento quanto a validação entre os pares pois alguns já se encontram vinculados ao formato dos serviços ou trabalhos e fazem com que o sujeito trabalhador fique refém de toda a documentação e fica assim impedido de questionar pois “precisam” de trabalhar e aceitam tais imposições que figuram na parte escrita se as vezes conhecimento das consequências.

No decorrer da pesquisa, busquei descobrir em que espaço e a sua moradia como referencial dos sujeitos para entender até que ponto as circunstâncias interferem na continuidade dos serviços na escola como um todo.

Na primeira pergunta, em sua maioria todos residem na zona rural de Jacobina em um Povoado denominado Genipapo de Jacobina que se configura como quilombola devido aos festejos e tradições mas que por não aceitabilidade não se reconhecem enquanto descendentes de africanos.

Outro fator interessante diz respeito ao quesito vegetação e na sua maioria todos tem conhecimento e orgulho de pertencimento como apareceu nas falas:

Sujeito¹: conhece a caatinga com a palma da mão

Sujeito²: a caatinga para ele é motivo de orgulho

Sujeito³: ser catingueiro é ser lutador

Sujeito⁴: a caatinga é minha fonte de sustento

As falas acima vão demarcar as transformações que atualmente ocorrem na vida cotidiana de cada um de nós, e que Segundo Marc Augê (1989), resultam do processo de globalização, refletem-se na nossa relação com o espaço, o tempo e os outros. As duas noções analisadas por Marc Augê, “lugar antropológico/não lugar”¹, permitem-nos tomar consciência dessas transformações, que surgem de uma forma aparentemente “natural” e vão substituindo a cidade antiga pela emergência de uma “nova cidade”.

Entendemos essas duas noções – “lugar antropológico”² e “não lugar”³ – como “tipos ideais” (cf. Weber, [1922] * 1971), que representam os espaços dominantes respectivamente das sociedades sem escrita e da sociedade contemporânea ocidental. Enquanto isso, outro fator diz respeito ao clima e ao espaço que vivem como lugar de referência de vida. Então, a arquitetura das “cidades globais” é pós-moderna, que representa o fim de todos os sistemas de significados, uma arquitetura a-histórica, a-cultural

Em 1997, os habitantes reagiram ao projeto da World City Fair (que correspondia à lógica global dos negócios internacionais), votando no comediante de televisão Aoshima, que se lançou como candidato independente, sem o apoio dos partidos políticos ou círculos financeiros, e adotou como lema de campanha cancelar a World City Fair. 18. Ficam aqui apenas umas breves notas sobre um tema tão complexo e extenso.

Teresa Sá Deste modo, a arquitetura escapa à história e à cultura de cada sociedade e torna-se refém do novo e admirável mundo imaginário das possibilidades, ilimitadas, que sublinham a lógica transmitida pelo multimídia: a cultura da navegação eletrônica, como se pudéssemos reinventar todas as formas em qualquer lugar, apenas sob a condição de mergulhar na indefinição cultural dos fluxos do poder. O encerramento da arquitetura numa abstração histórica é a fronteira formal do espaço de fluxos (Castells, 2002, p. 543).

Além de dar visibilidade a ação comunicativa no item em que se refere á leitura compartilhada e o ato de ler para alguém de sua família percebi que nessa circunstância e surgem com maior materialidade e a ausência de criticidade para a projeção do sujeito através da análise crítica não acontece por falta de tempo e ou escolaridade para se trabalhar a questão. Embora seja necessário se discutir um novo currículo para dar a capacidade e oportunizar esses estudantes trabalhadores se manifestarem e se posicionar diante de determinados situações comunicativas com maior empenho e clareza e outras vezes segurança.

Nessa visão tem sobre isso Lakatos e Marconi (2010, p. 151), diz que “na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas”. Com isso fui a campo e coletei dados relevantes a pesquisa realizada, através de questionários abertos e entrevistas foram coletados dados pertinente ao desenvolvimento da pesquisa, portanto faz-se necessário dar um enfoque mais profundo no contexto desses alunos\trabalhadores, na perspectiva de dar uma devolutiva para quem foi renegado o conhecimento gratuito e obrigatória.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRIMEIROS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Este trata das questões relativas a Educação de Adultos como uma modalidade que visa a emancipação social e de trajetórias dos sujeitos nos enfrentamentos cotidianos para que sua inserção social seja validada.

De acordo com o levantamento do IBGE em pesquisa domiciliar, em 1996 o Brasil possuía 15 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais; a maior parte delas se encontrava nas regiões Norte (parte urbana) e Nordeste. Assim, segundo esses dados, a percentagem de pessoas analfabetas cresce à medida que são consideradas com idades mais avançadas. Se de 15 a 19 anos a percentagem é de 6%, de 50 anos ou mais é de 31,5%. Ao mesmo tempo, há indicadores de que as políticas focalizadas no atendimento à educação escolar obrigatória estão promovendo uma queda mais acelerada do analfabetismo nas faixas etárias mais jovens. Os percentuais relativos às taxas de analfabetismo na população de 15 anos de idade ou mais vêm caindo sistematicamente, se tomarmos como referência o período compreendido entre 1920 e 1996.

A partir desses dados, nota-se a importância de investir não só na educação de base – a educação infantil – mas também na Educação de Jovens e Adultos, sobretudo naquela voltada à qualificação profissional, que, além de levar a essas pessoas outra leitura de mundo, proporciona a possibilidade de inserção ou reinserção no mercado de trabalho.

O Parecer nº 11/00 do CNE diz: a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso ao domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas.

Essa função reparadora da EJA proporciona ao adulto analfabeto a possibilidade de estar em pé de igualdade numa sociedade que, muitas vezes, marginaliza e exclui esses indivíduos.

Deve-se levar em consideração também o perfil desses estudantes, distinto daqueles que têm oportunidade de estudar na “idade convencional” no que diz respeito à seleção de conteúdo, materiais didáticos e metodologias de ensino e de avaliação, uma vez que esses alunos, em sua maioria, trabalham durante o dia em período integral.

A ausência do domínio da leitura e da escrita, no entanto, não representa ausência de cultura e outros saberes não acadêmicos. Nesse contexto, os projetos pedagógicos para turmas da EJA devem ser pensados de maneira que possam contemplar o multiculturalismo e que sejam capazes de valorizar e reconhecer a complementaridade entre os saberes acadêmicos e os informais (ligados ao contexto sociocultural do educando), a experiência de vida já adquirida pelos discentes e as diferenças entre as formas de conhecimento (SANTOS, 2005).

O currículo deve abranger temas que possibilitem compreender o contexto em que os alunos vivem, ou seja, que apresentem significado. Essa concepção está de acordo com o documento base do Proeja, Brasil (2007), o qual estabelece o objetivo da educação para adultos integrada à formação profissional: O que realmente se pretende é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo e compreender-se no mundo.

Nesse processo, o professor tem papel fundamental; ele deve atuar como mediador do processo de construção do conhecimento, utilizando um “método que seja ativo, dialógico, crítico e criticista”, possibilitando uma interação maior entre docente e discente e favorecendo o processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1979, p. 39).

3 A HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX

No cenário atual percebe-se que, no final da escravidão em 1888, já havia uma parcela significativa da população do sertão especialmente oriunda do Bioma Caatinga sofrida e que para se deslocar para os centros urbanos em busca de trabalho e ou de um lugar para garantir a sobrevivência teve que passar por transtornos em busca de objetivos de vida. Uma das consequências, nas três primeiras décadas após a Proclamação da República, foi que houve um aumento “alarmante e desordenado” da população nesses espaços urbanos comprometendo assim a vida daqueles que buscavam transitar em centros urbanos para “melhorar de vida”. Portanto, não se pode negar que, mesmo diante de uma nova perspectiva de vida os problemas desse sujeito trabalhador vão se complicar pela mudança de ambiente. Tal situação vai marcar a validade do processo de escolarização em circunstâncias vividas pelos estudantes trabalhadores na educação de Jovens e, principalmente, de adultos que começou a delimitar seu lugar na história da Educação brasileira a partir desse período. Toda a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização e havia uma grande concentração da população nos centros urbanos e começou a se consolidar num sistema público de educação no país, devido à mobilização conforme Galvão e Soares (2010, p.37):

[...] associações que congregavam intelectuais, vários estados, muitos dos quais administrados na área educacional pelos ‘renovadores’, tomaram iniciativas diversas em relação à questão, na medida em que gozavam de autonomia para implantar seus próprios sistemas de ensino. Não havia uma política nacional e centralizada de educação.

Aqui, todas as iniciativas levantadas no trecho acima sobre a escolarização de educação de adultos que começou a se definir como política pública a partir da participação de setores da Sociedade os quais vão desenhar outras situações para encontrar solução para viver melhor. Mas, apesar de todo esforço onde os índices de analfabetismo aparecem confirmando mais uma situação da população brasileira.

Ao final do período de ditadura um movimento em prol do fortalecimento dos princípios começou a vigorar e reforçou a ideia de criar Programas nacionais de alfabetização para ampliar as Bases eleitorais e dar sustentação ao governo federal como forma de “prestigiar” e silenciar as camadas menos prestigiadas nas escolas e em instituições responsáveis pelo conhecimento. Desta forma vimos que, ao ano 1947 vai projetar a educação de adultos com formato de uma campanha nacional ao ser lançada a Campanha de Educação de Adultos, na qual se pretendia numa primeira etapa, uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses que perdurou até os anos de 1963 sofrendo muitas críticas durante este percurso de 16 anos. Porém no final da década de 1950, muito se criticava a administração e o Financiamento da Campanha, como também a orientação pedagógica que norteava o Fazer pedagógico. Denunciava-se a superficialidade do aprendizado que ocorria em um Curto período de alfabetização e a inadequada metodologia utilizada para a população Adulta. Surgiu um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos, cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire. Todo Visto que todo o pensamento pedagógico de Paulo Freire se pautou na relação entre educação e realidade social que tratou de busca pela transformação da realidade. Antes, apontado como causa da pobreza e da marginalização de grande parcela da população e gerou estruturas sociais desiguais cujas dimensões sociais e tanto os ideais pedagógicos se difundiram de forma descentralizada trazendo consequências ao pobre. Um forte componente ético, implicando num comprometimento do educador com os 35 Educandos. Na percepção defendida por Freire, (1989), os conceitos de alfabetização e Educação estavam muito próximos e podiam até se confundir. Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos Conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende.

Implica uma auto formação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Por isso, a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador (FREIRE, 1989, p.72).

Segundo Freire (2000), o pensamento centrado no diálogo entre educador e educando no processo educacional são trocas necessárias para a instrução e modificação do educando como Sujeito de sua própria educação, conhecedor dos compromissos com sua realidade e nela devia sempre intervir como prática social outro fato é que durante o ano de 1963, encerrou-se a Campanha Nacional de Alfabetização e Educador Paulo Freire assumiu, junto ao Ministério

da Educação, a elaboração de um Plano Nacional de Alfabetização que venha justificar a aplicação do mesmo. Houve uma fragmentação no processo de saberes instituídos com a instauração do Regime Militar de 1964, provocando rupturas diante da situação em que o processo de reestruturação da educação nacional, e até algumas experiências alternativas de educação e cultura popular foram vistas enquanto ameaça à ordem. Todavia, é importante lembrar que os Programas assistencialistas e de cunho conservador, até 1967, quando o governo lançou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

O MOBRAL surge com força e muitos recursos. Recruta Alfabetizadores sem muita exigência: repete-se, assim, a despreocupação com o fazer e o saber docentes – qualquer um que saiba Ler e escrever pode também ensinar. Qualquer um, de qualquer forma e ganhando qualquer coisa (GALVÃO; SOARES, 2010, p. 46).

Assim, a expansão por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Mas, os diversos grupos que atuavam na educação popular, continuaram a realizar experiências de alfabetização de Adultos com propostas críticas, e com base nos postulados de Paulo Freire e descobertas das disciplinas com saberes advindos da Psicologia, da Linguística e da Estrutura da EJA no Estado da Bahia e no município de Jacobina para oportunizarem aos sujeitos da EJA uma emancipação social e política.

4 A HISTÓRIA DA EJA NO MUNICÍPIO DE JACOBINA: RELAÇÃO DO TRABALHADOR RURAL COM O BIOMA CAATINGA

O panorama da Bahia e em especial o município de Jacobina que tem aproximadamente 80.000 habitantes subdivididos em área urbana e rural com base na proposta de reestruturação da Educação de Jovens e escuta dos principais sujeitos da EJA: educandos, educadores, gestores e coordenadores pedagógicos das Diretorias Regional de Educação do Estado da Bahia - SEC/BA, Colégio Deocleciano Barbosa de Castro e Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC/SSA), Fóruns Regionais de EJA e do TOPA –Todos em Prol da Alfabetização e Brasil Alfabetizado.

A problemática em torno da Educação de Jovens e Adultos foi ofertada na rede pública estadual de ensino com a faceta de “uma modalidade da Educação Básica que garante a jovens e adultos, a partir dos 15 anos, o direito à formação obedecendo a especificidade e a seu tempo humano e assegurando-lhes a permanência e a continuidade dos estudos ao longo da vida”. Como forma de uma nova oportunidade que se realizará no decorrer da vida do aluno.

Tal definição definida pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) vai ajudar no recrutamento dos alunos a partir dos segmentos na EJA enquanto modalidade da Educação Básica. Por isso, no decorrer dos estudos debruzei-me sobre o lugar de origem para entender como os sujeitos se constituem e a sua implicação com este lugar chamado Bioma.

4.1 Relação com a Caatinga: início

Em princípios do século XVII, a corrida de bandeirantes e portugueses às minas de ouro descobertas em terras do atual município (ao que se sabe, por Roberto Dias) foi à origem da corrente inicial do devassamento e povoação de Jacobina. A notícia de exploração de minérios fluiu ao lugar numerosos contingentes humanos, vindo de recantos longínquos, para aí se aglomerarem, sedentos de ouro fácil. Um dos primeiros a chegar foi Belchior Dias Moreia. Depois dele, por volta de 1652, quando a mineração já ocupava 700 bateias, ali chegou Antônio de Brito Correia e depois os Guedes de Brito, estes acompanhados de muitos colonos e escravos.

Iniciaram-se, também, por essa época, as atividades suplementares de criação de gado e de culturas agrícolas essenciais. À proporção que novas levas de braço chegavam para o garimpo, o arruado a margem do Itapicuru Mirim ia crescendo rapidamente, reunindo população inicial bastante densa e heterogênea.

A exploração aurífera prosseguia fora do controle oficial e em escala tão crescente que o governo da metrópole, para melhor garantir a arrecadação do seu dízimo, por Provisão do Conselho Ultramarino de 13 de maio de 1726, determinou que o Governador da Província criasse duas casas de fundição, sendo que uma devia instalar-se em Jacobina em 5 de janeiro de 1727 e outra em Rio de Contas. O resultado foi surpreendente e auspicioso, arrecadando-se, na mina de Jacobina, em apenas dois anos, cerca de 3.841 libras de ouro, não obstante a difícil fiscalização sobre atividade de tal natureza.

Entrementes o progresso opulento que emanava das minas adquiria forma e a Coroa promoveu o barulhento arraial à categoria de vila mediante Carta Régia de D. João V, datada de 5 de agosto de 1720. Com o nome de Vila Santo Antônio de Jacobina a nova povoação integrava as freguesias de Santo Antônio de Pambu e Santo Antônio do Urubu. O lugar escolhido para ser sede foi a chamada Missão de Nossa Senhora das Neves do Say, aldeia indígena fundada por padres franciscanos em 1697. A instalação deu-se em 2 de junho de 1722, em solenidade presidida pelo coronel Pedro Barbosa Leal, na qualidade de representante do Vice-Rei e do Governador da Província, Vasco Fernandes César. Por estar situada em lugar distante das minas, a sede da vila foi mudada, em 15 de fevereiro de 1724, da Missão do Say (atualmente pertencente ao município de Senhor do Bonfim) para a Missão do Bom Jesus da Glória, outra aldeia de índios, fundada em 1706 também por missionários franciscanos, que tentaram promover a catequese dos payayás. Nesse local, edificaram-se a Igreja e o Convento de Bom Jesus da Glória.

A vila de Jacobina estendia-se por cerca de 300 léguas, em terras de propriedade da Casa da Ponte, dos Guedes de Brito, abrangendo desde o Rio de Contas e indo até os limites de Sergipe, incluindo a Cachoeira de Paulo Afonso. As terras onde se encontra atualmente a cidade pertenceram a Antônio Guedes de Brito, Antônio da Silva Pimentel, João Peixoto Veigas e Romão Gramacho Falcão. Em 1837, pela Lei Provincial n.49, de 15 de março, o território do município foi acrescido das terras de Mundo Novo, atribuindo-se a José Carlos da Mota o seu primeiro contato com elas.

A partir de 1848, a notícia da descoberta de diamantes na Chapada Diamantina, determinou o êxodo de grande número de mineiros, sempre ávidos por novas aventuras. Seguiu-se então prolongada fase de paradeiro, que provocou o declínio das atividades locais, causa da

demora para a elevação da vila à categoria de cidade, o que só ocorreu em 1880, pela Lei Provincial 2.049, de 28 de julho, valendo-lhe o título de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. Sua instalação ocorreu a 11 de janeiro de 1893, no governo de Joaquim Manoel Rodrigues Lima.

O primeiro prefeito de Jacobina, Antônio Manoel Alves de Mesquita, tomou posse em 1893. Foi procedido na chefia do executivo, por junta de cinco membros nomeados pelo Governador, que administrou o município durante o período 1890/92.

Finamente, como fato histórico importante, sobressai-se a atitude da Câmara Municipal, que, reunida extraordinariamente em 21 de outubro de 1822, prestou solidariedade e fidelidade ao Príncipe Regente, por ocasião da Proclamação da Independência.

Caracterização Geral do Município: CEP: 447000-000 DDD: 74 Voltagem: 220 Distância da Capital: 330 km Rodovias de Acesso: BA-131, BA-368, BA-373 e BR-324 População Total: 76.492 (IBGE) Superfície: 2.042km² Distritos: Junco, Itaipu, Itaipu, Lages do Batata e Caatinga do Moura. Temperatura Média: 23.0C Características Econômicas: Agricultura (Produção expressiva de batata doce). Na pecuária, destacam-se os rebanhos de bovinos, suínos, equinos, asininos, muares, ovinos e caprinos.

4.2 Formação administrativa

O distrito de Jacobina foi criado em 1720 e o Município a 24 de junho de 1722. A criação da freguesia somente se verificou em 1752. A sede municipal foi elevada à categoria de cidade pela Lei provincial n.º 2.049, de 28 de julho de 1880, com o título de "Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina".

O Município é composto de 4 (quatro) distritos e 22 (vinte e dois) povoados: distritos: Caatinga do Moura, Itaitu, Itapeipu, Novo Paraíso, Lages do Batata, Cachoeira Grande e Junco. Povoados: Baixa do Poço, Barrocão de Cima, Cafelândia, Canavieira de Fora, Coxo de Dentro, Genipapo de Cafelândia, Genipapo de Olhos D'Água dos Góis, Guariba, Itapicuru, Lages do Batata, Malhadinha, Palmeirinha, Pau Ferro, Pé de Serra, Pedra Branca, Pontilhão, Roçadinho, Saracura, Valois, Velame e Várzea da Lage; Emanciparam-se de Jacobina: Serrolândia (1962), Várzea Nova (1985), Capim Grosso (1985), Orolândia (1989) e São José do Jacuípe (1989).²

² Informações encontradas no site Institucional da Prefeitura de Jacobina. Disponível em: <<http://www.jacobina.ba.gov.br/index.php/ultimas-noticias/81-conheca-jacobina>>. Acesso em: 22 set. 2017.

4.3 Relação de Jacobina com a Caatinga

As caatingas, em geral, são formações vegetais xerófilas, lenhosas, decíduas, com muitas espécies espinhosas, compreendendo um estrato arbóreo esparso, outro arbóreo-arbustivo e/ou arbustivo, e um herbáceo estacional, conforme o período das chuvas. O termo caatinga é de origem indígena que significa vegetação aberta, clara ou branca, cuja aparência típica, acinzentada, se verifica no período seco que varia normalmente de 6 a 8 meses.

O semiárido é o ambiente de domínio das caatingas onde as precipitações pluviométricas são muito irregulares com médias anuais variando na faixa de 400 a 800 mm Já as temperaturas são relativamente estáveis com média anual na faixa de 24 a 26 oC, podendo ser atenuadas nas áreas mais elevadas para uma média ao redor de 22 oC (JACOMINE, 1996; SILVA et al., 1993; BRASIL, 1972; BRASIL, 1973). Nesse ambiente a evaporação média anual situa-se ao redor de 2000 mm (SÁ e SILVA, 2010). O bioma caatinga ocupa, aproximadamente, a área do semiárido brasileiro (Figura 1), exceto as zonas de transições onde prevalecem as formações vegetais de outros biomas.

Segundo Jacomine (1996), as caatingas se estendem na porção mais seca do Nordeste do Brasil indo até o norte de Minas Gerais numa extensão de aproximadamente 748.600 km². Em estudo recente (SÁ e SILVA, 2010) foi redefinida a área do semiárido com um valor aproximado de 982.563 km². Para o entendimento das relações do solo com as paisagens, é importante lembrar que os solos resultam da ação combinada dos seus fatores de formação, isto é, do material de origem (geologia), do clima, do relevo, da ação dos organismos e do tempo. Observando-se cortes verticais de solos nas paisagens, por exemplo, em barrancos de estrada, estes exibem horizontes pedogenéticos e/ou camadas que se diferenciam entre si e em relação ao material de origem (rochas ou sedimentos).

Essa diferenciação é função dos processos de formação, isto é, de adições, perdas, translocações e transformações de matéria e energia no perfil de solo (EMBRAPA, 2006; BUOL et al., 1997). Por refletirem seus fatores e processos de formação, os solos são grandes indicadores da variabilidade ambiental e, por conseguinte, são excelentes estratificadores do meio natural. Cumpre salientar que, entre os fatores de formação do solo, o clima, em geral, é o fator de maior peso na evolução dos mesmos, pois é decisivo na velocidade e natureza do intemperismo das rochas (THOMAS, 1994).

Porém, à medida que a umidade vai ficando escassa, sobretudo quando se adentra no ambiente semiárido, o clima vai perdendo gradativamente importância (menor ação do

intemperismo químico) e a geologia (litologia) passa a assumir, cada vez mais, destaque no conjunto de características e propriedades dos solos. Daí porque, as principais características dos solos do ambiente semiárido, sobretudo os desenvolvidos de rochas cristalinas, refletem forte correlação com o material de origem e a influência do relevo. Figura 1 – O semiárido brasileiro onde dominam as caatingas. (Fonte: mapa adaptado de Sá e Silva (2010)). Percorrendo-se o semiárido, desde as chapadas mais altas até as zonas mais baixas, logo se percebe que existem muitas diferenças ambientais.

Muda o relevo, a geologia, a altitude, a fitofisionomia da vegetação, e também se percebe pequenas diferenças no clima. Em consequência, mudam os solos e o uso da terra. Conforme os mapeamentos de solos realizados no Nordeste do Brasil, incluindo o norte de Minas, os solos que se destacam em termos de expressão geográfica no contexto do bioma caatinga são os Latossolos, Argissolos, Planossolos, Luvisolos e Neossolos. Em baixas proporções têm-se os Nitossolos, Chernossolos, Cambissolos, Vertissolos, e Plintossolos (JACOMINE, 1996; BRASIL 1972 e 1973; OLIVEIRA et al., 1992; ARAÚJO FILHO et al., 2000).

Para facilitar o estudo das relações do solo com as paisagens no contexto do bioma caatinga, primeiro é importante reconhecer as diferentes paisagens e depois o vínculo dos solos com as mesmas. Com base no Zoneamento Agroecológico do Nordeste (SILVA et al., 1993) e feitas algumas adaptações para atingir os fins práticos deste estudo, a região de domínio do bioma caatinga foi desmembrada nos seguintes compartimentos: (1) Depressão Sertaneja; (2) Bacia do Jatobá-Tucano e similares; (3) Superfícies Cársticas; (4) Planalto da Borborema; (5) Tabuleiros Costeiros; (6) Dunas Continentais; (7) Chapadas; (8) Mar de Morros; e (9) Várzeas e Terraços Aluvionares. Em seguida é feita uma breve caracterização dos principais solos, ressaltando que todos são de natureza mineral.

4.4 Mar de morros

Características gerais e solos dominantes – Esta unidade de paisagem, conforme denominada em Resende et al. (2007), caracteriza-se por apresentar uma superfície constituída por um conjunto de morros e colinas, comumente no formato de “meia laranja” e/ou apresentando elevações alongadas na forma de “ondas do mar”. No semiárido, onde se destaca essa unidade de paisagem, predominam as caatingas menos secas. São ambientes relacionados às encostas da Serra do Espinhaço (MG), vale do Rio das Contas, encosta oriental da Chapada

Diamantina e terrenos movimentados entre Senhor do Bonfim e Jacobina no estado da Bahia. Em termos geológicos destacam-se rochas do Pré-Cambriano que incluem granitos, gnaisses, xistos e áreas com recobrimentos (EMBRAPA, 1977/1979). Neste contexto geológico e climático destacam-se solos principalmente das classes dos Latossolos, Argissolos, Cambissolos e, em menor proporção, os Neossolos Litólicos (Figura 9). O relevo regional muito movimentado (declives > 20%) constitui a limitação mais forte desta unidade, além da fertilidade natural muito baixa dos solos.

O município de Jacobina faz parte da microrregião do Piemonte da Chapada Diamantina, possui como coordenada central 11°10'50"S e 40°31'06"W, área total de 2.360 quilômetros quadrados e altitudes entre 360 a 1.192 m (Pinheiro 2004, SEI 2014). O clima de Jacobina varia entre seco sub-úmido e semiárido, é quente e caracterizado por duas estações definidas (inverno e verão). Possui precipitação média anual em torno de 863 mm, com chuvas concentradas nos meses de janeiro a março (Pinheiro 2004). A vegetação do município é caracterizada por um mosaico composto por florestas estacionais decíduas e decíduas, campo rupestre, caatinga arbórea e arbustiva, refúgios ecológico-montanos e áreas de tensão ecológica (transicionais) (figura 1). Entretanto, grande parte do município encontra-se antropizado, com vegetação secundária, áreas de pastagens e agricultura (Pinheiro 2004).

A Cadeia do Espinhaço é um conjunto de serras que se estende por cerca de mil quilômetros na direção norte-sul, com limite norte na Serra da Jacobina, no Estado da Bahia, e atingindo ao sul a Serra de Ouro Branco, no Estado de Minas Gerais (Giulietti & Pirani 1988). A Cadeia é formada por uma porção mineira e uma baiana, esta última denominada Chapada Diamantina, na qual estão inclusas a Serra do Tombador e a Serra da Jacobina, que cortam o município de Jacobina (Giulietti & Pirani 1988, Pinheiro 2004). Um importante critério utilizado para seleção de áreas prioritárias para conservação é o grau de endemismo da região (Gentry 1986). Áreas montanhosas são reconhecidas como áreas de alto endemismo, portanto, merecem atenção especial na preservação da biodiversidade (Kruckeberg & Rabinowitz 1985, Hind 1995, Rapini et al. 2002). Dessa forma, inventários florísticos apresentam grande relevância por fornecer informações essenciais para o

4.5 Economia

O Município tem como principal fontes de renda o comércio a extração de ouro, lojas de roupas, autopeças, postos de combustível, hotéis e restaurantes, fábricas no setor de calçados sendo centro da Microrregião de Jacobina fazendo limites com Capim Grosso, Orolândia,

Várzea Nova, Miguel Calmon e Quixabeira. Jacobina é banhada pelos rios Itapicuru-mirim, Rio do Ouro e belas cachoeiras.

Agricultura - (Produção expressiva de batata doce). Pecuária - destacam-se os rebanhos de bovinos, suínos, equinos, asininos, muares, ovinos e caprinos. Indústrias - Conforme registro na JUCEB, possui 451 indústrias, 19º lugar na posição geral do Estado da Bahia, e 3.675 estabelecimentos comerciais, 15º posição dentre os municípios baianos. No setor de bens minerais - É produtor de arenito, argila, calcita, cromo, mármore e ouro. Seu parque hoteleiro registra mais de 600 leitos.

A região é favorecida por Serras, cânions, desfiladeiros, cachoeiras e lagos é um verdadeiro encanto para os fãs do turismo ecológico. São inúmeras serras e morros dentre os quais pode se destacar Serra do Tombador, Monte Tabor, Morro dos Ventos Uivantes, Pico do Jaraguá e entre outros. Para as cachoeiras existem dezenas de quedas dentre algumas pode-se destacar a do Aníbal, Pirâmide, Véu de Noivas, Andorinhas, Caldeirão, Amores, Esplendor do Sol, Viúva e Paulista são as mais procuradas dentre as mais de 45 quedas d'água que estão reunidas no Parque das Cachoeiras que foi criado pela Bahia Tursa em parceria com a Prefeitura Municipal e na Estância Ecológica Bandeirantes.

É um verdadeiro encanto para os olhos e para as atividades físicas, visto que, é ideal para trilhas de mountain bike, trekking, rapel, banhos, acampamentos e muito mais. Existe na localidade de Itaitu a mais alta queda d'água da região, a Cachoeira Véu de Noiva, com 60m de muita adrenalina que desemboca em um poço ótimo para mergulhos. Tendo outra mais próxima com cerca de 6 km da cidade e a Viúva tem uma queda de 20m, encravada em imponentes paredões e tem muito mais.

4.6 Cultura e lazer

A cidade tem muitos festejos municipais e dentre os quais destaca-se a Marujada que tem mais de centenas de anos. Têm também o grupo dos Capetinhas que geralmente saem na Micareta, a Caminhada da Luz que é na Semana Santa onde romarias de fiéis sobem o Morro do Cruzeiro sendo um ato de fé cristã e entre outros.

4.7 Turismo

O Alto do Cruzeiro, mais de 200 degraus de pura fé. O hotel Serra do Ouro, localizado em um dos pontos mais altos. - Quatro emissoras de rádio: Jacobina FM, Clube Rio do Ouro, Serrana FM e Jaraguá AM. Caminhada da Primavera realizada pela rádio Serrana Fm, que a cada ano reuni milhares de pessoas nas ruas da cidade, e que já entrou pro calendário de eventos da Bahia. - Anualmente é realizado o Passeio Ciclístico de Jacobina. Em dezembro de 2008 ocorreu o XVII com a participação de 1500 ciclistas. - Praça da Missão. - Praça Castro Alves (Matriz), - Fiesta Parque Hotel - parque aquático e hotel. - Inúmeras e belas cachoeiras.

4.8 População da Caatinga

As populações que habitam o bioma são também conhecidas como caatingueiros: são sertanejos, vaqueiros, agricultores, populações indígenas e quilombolas, sendo berço de comunidades tradicionais como os índios Tumbalala, os Pankararu, e dos quilombolas de Conceição das Crioulas. Estes grupamentos humanos desenvolvem suas próprias estratégias de sobrevivência e convivência com as condições da Caatinga, são guardiões do conhecimento sobre o manejo das plantas, de suas propriedades e usos medicinais, sobre a milenar técnica de busca de águas subterrâneas com varinhas (conhecida

4.9 Indígenas

Primeiros habitantes e donos da terra, onde produzem seus alimentos, reproduzem sua cultura, costumes e tradições. Assim são os indígenas, povos que conhecem bem os solos, rios, lagos, animais e plantas dos locais em que vivem. Hoje, no Brasil, vivem cerca de 800 mil índios, o equivalente a 0,4% da população brasileira, segundo dados do Censo 2010. Os índios estão em 688 terras indígenas.

A Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro, ocupa 11% do território nacional e acolhe uma população de 27 milhões de pessoas, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (MMA). Rico em biodiversidade, o bioma abriga 178 espécies de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 espécies de anfíbios, 241 de peixes e 221 de abelhas.

“A Caatinga existe apenas no Brasil e é um patrimônio muito valioso. É importante que as instituições unam esforços para preservá-la. Metade da bacia do rio São Francisco está situada na Caatinga, e grande parte das soluções de desenvolvimento regional passa por esse

bioma. É possível conciliar produção econômica e desenvolvimento com a conservação. A conservação, na verdade, resguarda e potencializa o desenvolvimento”, afirma o pesquisador José Alves de Siqueira Filho, organizador do livro *Flora das Caatingas do rio São Francisco*, vencedor do prêmio Jabuti 2013 na categoria 'Ciências Naturais'

De acordo com Siqueira Filho, a Caatinga é o bioma brasileiro de mais difícil restauração. “As ações de restauração são muito mais caras do que as de conservação, então a conservação é sempre o melhor caminho. Além disso, o trabalho de restauração da Caatinga tem a escassez de água como fator limitante. A implantação bem sucedida de ações de restauração em áreas em que há pouca ou nenhuma água representa um imenso desafio científico e tecnológico”, explica o pesquisador, que atua no Centro de Referência para Recuperação de Áreas Degradadas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Crad-Univasf).

A caatinga, palavra originária do tupi-guarani, que significa “mata branca”, é o único sistema ambiental exclusivamente brasileiro. Possui extensão territorial de 734.478 km², correspondendo a cerca de 10% do território nacional. Ela está presente nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia, Piauí e norte de Minas Gerais.

As temperaturas médias anuais são elevadas, oscilam entre 25°C e 29°C. O clima é semiárido; e o solo, raso e pedregoso, é composto por vários tipos diferentes de rochas.

A ação do homem já alterou 80% da cobertura original da caatinga, que atualmente tem menos de 1% de sua área protegida em 36 unidades de conservação, que não permitem a exploração de recursos naturais.

As secas são cíclicas e prolongadas, interferindo de maneira direta na vida de uma população de, aproximadamente, 25 milhões de habitantes.

As chuvas ocorrem no início do ano e o poder de recuperação do bioma é muito rápido, surgem pequenas plantas e as árvores ficam cobertas de folhas.

Figura 2: Aspectos da caatinga no período de chuva



Foto: Arquivo pessoal Nilton de Brito

A região enfrenta também graves problemas sociais, entre eles os baixos níveis de renda e de escolaridade, a falta de saneamento ambiental e os altos índices de mortalidade infantil.

Desde o período imperial, tenta-se promover o desenvolvimento econômico na caatinga, porém, a dificuldade é imensa em razão da aridez da terra e da instabilidade das precipitações pluviométricas. A principal atividade econômica desenvolvida na caatinga é a agropecuária. A agricultura destaca-se na região através da irrigação artificial, possibilitada pela construção de canais e açudes. Alguns projetos de irrigação para a agricultura comercial são desenvolvidos no médio vale do São Francisco, o principal rio da região, juntamente ao Parnaíba.

Vegetação – As plantas da caatinga são xerófilas, ou seja, adaptadas ao clima seco e à pouca quantidade de água. Algumas armazenam água, outras possuem raízes superficiais para captar o máximo de água da chuva. E há as que contam com recursos pra diminuir a transpiração, como espinhos e poucas folhas. A vegetação é formada por três estratos: o arbóreo, com árvores de 8 a 12 metros de altura; o arbustivo, com vegetação de 2 a 5 metros; e o herbáceo, abaixo de 2 metros. Entre as espécies mais comuns estão a amburana, o umbuzeiro e o mandacaru. Algumas dessas plantas podem produzir cera, fibra, óleo vegetal e, principalmente, frutas.

Figura 3:



Fonte: Google Imagens

Fauna – A fauna da caatinga é bem diversificada, composta por répteis (principalmente lagartos e cobras), roedores, insetos, aracnídeos, cachorro-do-mato, arara-azul (ameaçada de extinção), sapo-cururu, asa branca, cutia, gambá, preá, veado-catingueiro, tatupeba, sagui-do-nordeste, entre outros animais.

A Caatinga abriga um Brasil das mais profundas contradições e desigualdades sociais, com os mais baixos índices de desenvolvimento humano, com elevados percentuais de população empobrecida, decorrentes de um processo de ocupação espacial que explorou a natureza de forma predatória, concentrando terra e poder no domínio de poucos.

Um Brasil onde o acesso à água em muitos lugares ainda não se consolidou como direito básico, mas que possui uma dinâmica articulação de organizações da sociedade civil, que tomou para si a responsabilidade de resolver este problema e mudar uma paisagem ainda dominada por oligarquias políticas.

Um Brasil onde mais de 30% da energia é gerada por lenha retirada da natureza de forma predatória, mas que abriga um complexo hidrelétrico que fornece energia para as grandes metrópoles nordestinas e para todo o seu parque industrial. Um Brasil que há mais de um século expulsa sua população para outras regiões do País como mão-de-obra barata. Um Brasil que em boa parte da população passa fome.

A paisagem da Caatinga reflete um clima de abundância de raios solares, com temperaturas elevadas na maior parte do ano; de chuvas escassas e irregulares, com longos períodos de secas e precipitação anual média variando, aproximadamente, entre 400 e 650 mm; de rios intermitentes e sazonais, com volume de água limitado, insuficiente para a irrigação, com exceção do Parnaíba e do São Francisco; e de uma paisagem onde boa parte dos solos são rasos e pedregosos e o subsolo abriga grandes rios subterrâneos.

Tem ainda uma rica biodiversidade vegetal e animal, que não é de toda conhecida, onde abundam cactos e uma infinidade de espécies endêmicas. Mas essa é apenas uma parte da história do único bioma brasileiro distribuído exclusivamente em território nacional e que, assim como o Cerrado, não foi considerado Patrimônio Natural do País na Constituição de 1988.

4.10 Plantas medicinais

O uso medicinal das plantas, aliás, é muito difundido pela população que habita a região da Caatinga, sendo folhas, raízes e cascas, entre as quais as da catingueira (antidiarreica), do jerico (diurético) e do angico (adstringente), itens obrigatórios das tradicionais feiras e mercados locais. Criado em 1985, o projeto Farmácias Vivas, da Universidade Federal do Ceará, já selecionou e comprovou cientificamente a eficácia de mais de 60 espécies de plantas medicinais do Nordeste, como as características anti-inflamatória e cicatrizante da aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva*), uma das plantas de uso ginecológico mais comum e antigo da medicina popular do Nordeste no tratamento pós-parto. Unindo sabedoria popular e conhecimento científico, a proposta, pioneira, que fornece acesso a atendimento fitoterápico a comunidades carentes do Estado, motivou o governo do Ceará a criar o Programa Estadual de Fitoterapia, que tem sido replicado em diferentes partes do País.

Outra árvore nativa da Caatinga de grande importância por suas múltiplas unidades é a sabiá (*Momosa caesalpinifolia*), que fornece madeira de excelente qualidade para estacas, para o plantio em cerca-viva, para alimentar as abelhas com suas flores e como forragem com suas folhas. Planta adubadeira e produtora de corante.

O sabiazeiro, a catingueira e o angico, assim como o jucá, o mororó, a Catanduva e a jurema-preta, entre outras espécies, são também utilizadas em residências industriais para a produção de lenha e carvão vegetal para a geração de energia e como matéria-prima para a construção de habitações e alimentação de animais. Recursos naturais retirados, na grande maioria das vezes, de forma predatória. Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, o consumo de madeira nas residências é de 39 milhões de metros esteres/ano (metro cúbico de madeira retorcida, típica do semiárido) e nas indústrias, de 29 milhões de metros esteres/ano. De acordo com o prefácio do ex-presidente do Ibama, Marcus Barros, para o Ecologia e Conservação da Caatinga, “hoje é difícil encontrar remanescentes maiores do que 10 mil hectares no bioma”.

Realizada em 2006, a atualização do estudo de Avaliação e Identificação de Áreas e Ações Prioritárias para Conservação e Utilização Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira, compromisso do governo brasileiro como signatário da Convenção sobre Diversidade Biológica (CBD), identificou 292 áreas prioritárias para a conservação da Caatinga. Essas áreas equivalem a 51% da extensão total do Bioma, totalizando 442.564 km².

A criação de unidades de conservação (UCs) foi a ação mais recomendada para as áreas prioritárias (24,6%), seguida de recuperação de áreas degradadas (9,4%), a criação de mosaico/corredor (5,11%) e fomento ao uso sustentável (2,18%). Atualmente, as unidades de conservação (UCs) correspondem a apenas 2% da área total do bioma. Os cientistas defendem a ampliação para 10% da área total protegida por UCs na Caatinga no prazo de dez anos. Dentre as áreas de extrema importância biológica estão o Raso da Catarina(BA), a chapada do Araripe (CE, PE e PI) e o Parque Nacional da Serra da Capivara (PI), mais emblemático da região por ser o único localizado inteiramente na Caatinga, para o qual foi sugerida a conexão com o Parque Nacional da Serra das Confusões (PI).

O Ministério do Meio Ambiente criou, em maio de 2006, o Corredor Ecológico da Caatinga, uma área de 5,9 milhões de hectares que deve interligar oito UCs, compreendendo 40 municípios de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Piauí.

Em abril de 2007, foi lançada a Aliança pela Caatinga, projeto que tem como meta duplicar as 35 Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) do Bioma, distribuídas em 110 mil hectares, em três anos. Participam da iniciativa a Associação Caatinga e a The Nature Conservancy (TNC), preocupadas com o avanço do agronegócio na região, especialmente com o novo mercado de mamona e pinhão-manso para a produção de biocombustíveis.

4.11 Diversidade pouco (re)conhecida

As aves são o grupo mais conhecido do bioma brasileiro menos estudado pelos pesquisadores. Foram registradas na Caatinga 510 espécies. O acauã (*Herpetotheres cachinnans*), gavião predador de serpentes, está associado ao universo de superstições do sertanejo. Seu canto é considerado prenúncio de chuva e de mau agouro.

A ariranha azul (*Cyanopsitta spixii*), hoje extinta na natureza vítima do tráfico de animais silvestres, é uma das muitas espécies que durante a seca se refugiavam em brejos de altitude, beira de rios, entre outros locais mais úmidos. Outra pequena parcela migra durante a

seca para regiões menos inóspitas, como o bigodinho (*Esporofilo lineola*), que cruza a Amazônia tendo como destino final a Venezuela.

A arribaçã (*Zenaida auriculata* Noronha), também conhecida como avoante, é uma pomba da mesma família da asa branca, que migra, acompanhando a frutificação da flora no sertão nordestino. A arribação chega no fim do inverno, em bandos, nas caatingas, passando nos lugares onde encontra o capim-milhão, que é a alimentação que prefere. Sai em grandes revoadas, com a chegada das primeiras chuvas. Está ameaçada de extinção, pois são presas fáceis para os caçadores, por fazerem ninhos no chão.

O galo-da-campina (*Paroaria dominicana*), também conhecido como cardeal-do-nordeste, é um dos mais bonitos pássaros brasileiros e vive na caatinga baixa e rala do Nordeste. Alimenta-se principalmente de sementes e, por ter um belíssimo canto, é muito perseguido pelos criadores e pelos comerciantes de animais nativos.

Apesar do predomínio de rios temporários e do crescente desmatamento de matas ciliares e da contaminação dos cursos d'água por esgotos, agrotóxicos e efluentes industriais, foi identificada na Caatinga, surpreendentemente, uma grande diversidade de peixes. São 240 espécies, 57% endêmicas. Algumas vivem em rios sazonais e como estratégia de sobrevivência depositam ovos resistentes, que só eclodem na época das chuvas.

As serpentes, os lagartos e anfisbenídeos, as chamadas cobras-cegas, estão entre os grupos mais numerosos das espécies de répteis e anfíbios, 154 no total, e também entre as consideradas mais características da fauna do semiárido. Descobertas recentes indicam que 37% dos lagartos e anfisbenídeos da Caatinga são endêmicos das dunas do Médio Rio São Francisco, uma área que se estende por apenas 7 mil km², ou 0,8% da área do sertão nordestino, para a qual é defendida a criação de um parque nacional. O passado geológico da região responde pela fascinante diversidade. O Rio São Francisco já formou uma imensa lagoa no interior do Brasil, com espécies de lagartos e anfíbios ao seu redor. Com a alteração de seu curso devido a alterações climáticas no fim do Período Pleistoceno – entre 1,8 milhão e 11 mil anos atrás -, esses animais ficaram separados em grupos, cada um em uma margem do rio, o que estimulou a formação de novas espécies.

Até o fim dos anos 1980, o número de mamíferos existentes na região era subestimado em 80, e as espécies endêmicas e três, considerados, em sua maior parte, um subconjunto da fauna do Cerrado. Revisões desses levantamentos demonstram a distinção da fauna da Caatinga e apontam para a existência de 144 mamíferos na região, dos quais 64 são espécies de morcegos e 34 de roedores. Cerca de dez das espécies de mamíferos são endêmicas e dez estão ameaçadas de extinção, entre as quais cinco felinos e o tatu-bola (*Tolypeutes trinctus*), o menor tatu

brasileiro, de 22 a 27 centímetros, que enrola o corpo e fica parecido com uma bola quando se sente ameaçado. Assim como o mocó (*Kerodon rupestris*), um rato que chega a medir 40 centímetros, que figura entre as espécies da caça de subsistência praticada pelo sertanejo para acabar com a fome.

De acordo com a lista nacional das espécies de fauna brasileira ameaçada de extinção, publicada em maio de 2003, pelo Ibama, vivem no bioma 28 espécies ameaçadas de extinção.

4.12 Índices sociais preocupantes

Um dos biomas brasileiros mais alterados por atividades humanas, a Caatinga abriga cerca de 28 milhões de pessoas; a população mais pobre do Nordeste e uma das piores rendas de todo o País, com renda média sendo inferior a um salário mínimo. Definido por Euclides da Cunha como antes de tudo um forte, sertanejo está presente em 68% da região, sendo que as áreas extremamente antropizadas correspondem a 35,3% e as muito antropizadas a 13,7%, porcentagens possivelmente subestimadas, pois são baseadas no Mapa de Vegetação do Brasil, do IBGE, produzido com dados das décadas de 1970 e 1980. Apesar disso, apenas 15 municípios apresentam densidade demográfica acima de 100 habitantes por km².

Cerca de 2 milhões de famílias de agricultores rurais vivem no semiárido, 50% dos pequenos agricultores do País, ocupando apenas cerca de 4,2% das terras agrícolas do Brasil.

A grande maioria dos municípios apresenta baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a taxa de mortalidade é alta, geralmente acima de 100 mil por mil. A taxa de analfabetismo para maiores de 15 anos também é extremamente elevada, entre 40% e 60%.

4.13 Marcas socioambientais: o gado e o latifúndio

A ocupação da região pelos portugueses começou com a pecuária, desenvolvida para servir ao ciclo da cana-de-açúcar. “No agreste, depois nas caatingas e, por fim, nos cerrados, desenvolveu-se uma economia pastoril associada originalmente à produção açucareira como fornecedora de carne, de couros e de bois de serviço”, como expôs Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro*, formando a “civilização do gado”, como definiu Manuel Correia de Andrade na obra “*A Terra e o Homem do Nordeste*”.

Foi assim que se iniciou o processo de expulsão, extermínio e escravização dos povos indígenas do sertão, os Tapuias, considerados “hostis” pelos colonizadores devido às tentativas de resistência, marcadas por diversos conflitos entre 1650 e 1720, lembrados como a Guerra dos Bárbaros. Os nativos sobreviventes, ou os que pediram socorro aos colonizadores nos anos de secas severas, foram submetidos à homogeneização nos aldeamentos missionários, por meio da catequese e da “disciplina” do trabalho.

Com a descoberta do ouro na região das Gerais, a pecuária foi intensificada para suprir as migrações e a mão-de-obra escrava, por meio do Velho Chico, e a atividade complementar dos donos dos engenhos de cana-de-açúcar se transformou em uma atividade especializada de criadores e então se constituíram muitos dos maiores latifúndios do Brasil.

Para alimentar os vaqueiros, responsáveis por desbravar o sertão, a criação de cabras (caprinocultura), hoje uma forte atividade econômica, foi introduzida nas áreas menos propícias ao gado. Além de gerar carne, leite e queijo, a criação de bodes se desdobrava em parte da indumentária, como os chapéus de couro, e na formação de algumas das características sertanejas, segundo estudiosos, entre as quais a indiferença em relação à morte e a sangue, devido à familiaridade em abater esses animais desde a infância.

Ainda no Brasil Colonial, o poder dos grandes proprietários de terra foi ampliado com a criação da Guarda Nacional do Império, para as quais eram nomeados coronéis e seus peões, soldados. Além do controle econômico, passaram a influenciar a política local. Com a chegada da República, que instituiu o voto aberto e não secreto, os coronéis determinavam os votos da população por imposição ou favorecimentos, como dinheiro, roupas ou empregos, o chamado voto de cabresto, minuciosamente retratado no documentário Teodorico, o Imperador do Sertão, de Eduardo Coutinho.

Desde então, estrutura fundiária pouco mudou. Pelo contrário, o ingresso de outras atividades esteve sempre condicionado a ela. Do cultivo do mocó, algodão arbóreo, que conquistou espaço destacado na economia regional no século XIX, passando pela exploração dos palméis de carnaúba, para a produção de cera e artefatos de palha, às pequenas lavouras comerciais de milho, feijão e mandioca, os sertanejos não se tornaram senhores das terras cultivadas. Correndo o risco de serem expulsos sem receber nenhuma indenização pelas benfeitorias, ocupavam parte de latifúndios como meeiros, ou seja, tinham de dividir a produção com os proprietários ou se submeter a outras relações análogas ao trabalho escravo, ainda existente no País, como o endividamento.

As secas se tornaram uma questão pública no fim do século XIX, após estiagens históricas marcadas por invasões e saques de diversas propriedades rurais por sertanejos com

fome. Os recursos governamentais foram destinados principalmente à construção de açudes, barragens, estradas, pontes e ferrovias, obras executadas pela Inspetoria de Obras Contra as Secas, primeiro órgão governamental criado para tratar do assunto, em 1909, predecessor do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), instituído em 1945, e atualmente vinculado ao Ministério da Integração Nacional.

De acordo com os dados da ONG Caatinga, menos de 20% das verbas dos DNOCS atendem à população rural mais necessitada; os principais beneficiados têm sido os latifundiários, políticos locais e empreiteiros. Localizados nas grandes fazendas, os empreendimentos que deveriam servir para matar a sede de todos fomentaram a “indústria da seca”, que manteve o sertanejo sob o cabresto das elites.

4.14 Ligas camponesas, Sudene e migração

Em meados da década de 1940, surgiu um novo movimento para modificar essa estrutura arcaica. São as chamadas Ligas Camponesas. Organizadas em diversos estados do Nordeste com o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), as predecessoras do MST começaram a gerar uma consciência nacional em favor da reforma agrária entre os trabalhadores rurais. Com o golpe militar de 1964, foram interrompidas, assim como o documentário de Eduardo Coutinho sobre o assunto, *Cabra Marcado para Morrer*, finalizado em 1984 com Elisabeth Teixeira, viúva do líder camponês João Pedro, assassinado em 1962, que tinha inspirado a obra. Hoje, existem cerca de 86 mil famílias assentadas na região, concentradas na Bahia e no Ceará.

A década de 1940 também foi marcada pelo êxodo rural maciço do sertão nordestino como mão-de-obra barata na construção dos hoje grandes centros urbanos do País, o que se repetiu na ditadura militar com a expansão das fronteiras agrícolas no Centro-Oeste e na Amazônia, que já tinha recebido milhares de sertanejos em períodos anteriores para a exploração da borracha.

É nesse contexto que o “atraso” do Nordeste seco em relação ao Sudeste e Sul do País volta a receber a atenção do governo. Em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek constituiu o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), coordenado pelo economista Celso Furtado, que elabora uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste, na qual recomenda a industrialização da região e a incorporação dos agricultores familiares à economia de mercado.

O trabalho resultou na criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) em 1959, que pretendia encarar questões como concentração fundiária e analfabetismo, priorizou a produção de alimentos por meio da irrigação no Rio São Francisco. Desde a ditadura militar, a Sudene enfrentou um processo de esvaziamento político e orçamentário. Em 2001, foi extinta pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, sem que fosse substituída por um novo órgão ou polícia consistente de desenvolvimento regional para o semiárido, cujas principais reivindicações dos movimentos sociais locais continuam sendo as mesmas: a universalização do abastecimento de água para beber e cozinhar, o fortalecimento da agricultura familiar, a articulação entre produção, extensão, pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, o acesso a crédito, a erradicação do analfabetismo e a valorização dos conhecimentos tradicionais, entre outros.

4.15 Prioridades da Caatinga

Entre as principais causas da degradação da Caatinga estão: o desmatamento, especialmente para a produção de lenha, utilizada como fonte de energia em residências, olarias e siderúrgicas; a pecuária extensiva, com o consumo e destruição da vegetação pelos animais; e a agricultura de irrigação, que avança ao longo do Rio São Francisco em municípios como Juazeiro e Petrolina, região que se tornou a maior exportadora de frutas do País, especialmente de uvas, modelo de cultivo que compromete os lençóis freáticos e saliniza e contamina o solo por agrotóxicos. As áreas sob maior pressão são as margens do Rio São Francisco, exploradas intensamente, o que vem provocando o assoreamento de algumas áreas; os locais de exploração de minérios, como o polo gesseiro da Chapada do Araripe (CE); os aquíferos subterrâneos, utilizados para suprir o consumo humano ou irrigação; e as zonas sujeitas à desertificação.

A desertificação, processo de degradação ambiental que ocorre nas regiões com clima árido, semiárido e subúmido seco provocado pelo uso inadequado do solo, da água e da vegetação para irrigação, cultivo intensivo, entre outros usos, já atinge 181 mil km² do semiárido brasileiro, ou 1.482 municípios. A região do Seridó (RN), Gilbués (PI), Irauçuba (CE) e Cabrobó (PE), que somam 15 mil km², estão em situação de extrema gravidade.

Signatário da Convenção para o Combate à Desertificação (CCD), o Brasil tinha como obrigação elaborar o Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN), lançado em agosto de 2004 pela Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, para o qual deverão ser destinados R\$ 23,5 bilhões até 2007,

principalmente para o combate à pobreza e desigualdade social e fortalecimento da agricultura familiar. Em novembro de 2006, Ano Internacional dos Desertos e da Desertificação, foi inaugurado o Núcleo de Pesquisa de Recuperação de Áreas Degradadas e Combate à Desertificação (Nuperade), em Gilbués (PI), que junto com outros 14 municípios forma a maior área de desertificação no Brasil. No núcleo, que tem como objetivo apoiar estudos sobre o fenômeno da desertificação, testar tecnologias para o controle do processo de degradação de terras, promover a recuperação de áreas já degradadas da região servir como polo de treinamento para a população local, foram construídas pequenas barragens de terra para contenção do escoamento superficial e implantados experimentos de pesquisa agrossilvopastoril.

O PAN, uma referência internacional, teve 50% de sua verba contingenciada em 2006 e até abril de 2007 apenas 0,3% (R\$31,8 mil) de um orçamento de R\$ 11,3 milhões tinha sido gasto. Recentemente, o coordenador técnico do programa afirmou que seria necessário investir 1 bilhão/ano, para recuperar a região afetada e suscetível à desertificação.

Com 20 milhões de dólares do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF, sigla em inglês), está previsto o desenvolvimento nos próximos dez anos do Projeto de Manejo Integrado de Ecossistemas e de Bacias Hidrográficas na Caatinga. Deverão ser priorizadas ações de recuperação de matas ciliares – concentradas nas margens do Velho Chico -, ampliação da área manejada sustentavelmente, reflorestamento do entorno de propriedades e pequenos empreendimentos e na criação de três corredores ecológicos – nas regiões de Peruaçu e Jaíba (MG), no sertão de Alagoas e Sergipe e nas Serras da Capivara e das Confusões (PI). O uso mais racional dos recursos naturais também será incentivado com novas linhas de financiamento e assistência técnica.

O GEF deverá destinar recursos ainda para a adoção de sistemas de produção agropecuária sustentáveis, por meio da melhor utilização das plantas forrageiras, em assentamentos da reforma agrária e comunidades de agricultores familiares em 60 municípios do semiárido, a serem implementados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, que também está recebendo 50 milhões de dólares do Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura (Fida) para o desenvolvimento de um programa de produção de medicamentos fito terapêuticos e outro de microcrédito rural no Bioma.

Também para promover atividades produtivas sustentáveis, assim como a recuperação de áreas degradadas, Ceará e Bahia são parceiros no Projeto Mata Branca, que tem 22,2 milhões de dólares do Banco Mundial (Bird) para ações que serão desenvolvidas nos próximos cinco anos.

Todo o Brasil convive com a Caatinga. Seja por meio do forró, que foi popularizado por Luiz Gonzaga. Seja por meio dos cordéis e dos repentes, eternizados por milhares de poetas populares, incluindo Patativa do Assaré, e revistados pelo Cordel do Fogo Encantado. Seja por meio da literatura de Graciliano Ramos, de Rachel de Queiroz, de José Lins do Rego, de Guimarães Rosa e de Ariano Suassuna, que em 2007 tem uma obra prima, *A Pedra do Reino*, adaptação para a televisão em forma de micros série. Seja por meio da mundialmente aclamada xilogravura de J. Borges, na qual são inseridos os elementos do imaginário sertanejo: lampião, vaqueiros, festa de São João, entre outros. Seja por meio do cinema, desde *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, de 1953, passando pela estética da fome de Glauber Rocha em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos, às produções mais recentes, *Abril Despedaçado*, de Walter Salles, *Baile Perfumado*, de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, e *Baixio das Bestas*, de Cláudio Assis, produção que dissecou o lado negro da indústria da cana no sertão de Pernambuco em tempos de louvação ao etanol made in Brasil.

Muito presente no imaginário coletivo e no cotidiano brasileiro, a diversidade das manifestações culturais do (e sobre) o sertão, uma das maiores do País, exprime como em nenhum outro bioma o quanto o homem está intrincado com o ambiente em que vive. Mas, Infelizmente, onde quer que estejam, na Caatinga, nas periferias dos grandes centros, nas novas fronteiras agrícolas, por conta de uma formação em que faltaram oportunidades e sobrou fome, os sertanejos continuam a ser a parcela da população mais pobre do Brasil e, de acordo com o estudo *Mudanças Climáticas e seus Efeitos na Biodiversidade*, divulgado em Março de 2007, serão os mais vulneráveis no País aos efeitos do aquecimento global.

5 O PERFIL DOS EDUCANDOS E DOS PROFESSORES DA EJA: AÇÕES E FUNÇÕES

Este capítulo aborda os sujeitos de direitos os alunos e professores da Eja demarcando a sua trajetória demarcando os seus feitos para se apropriar de saberes. Desta forma, as suas

histórias de vida são importantes para que se possam compreender os conhecimentos de mundo desses sujeitos frente as propostas de vivências.

Nestas circunstâncias torna-se desejável considerar que, embora esse Educando possa estar retornando à sala de aula após um período de afastamento, ele, em muitos casos, pode chegar com mais informações que o professor, devido à facilidade de circulação das mesmas, ao acesso a mídia e outros modos de se prover do conhecimento. Por essa razão, é possível encontrar autores que pontuam a necessidade de uma formação docente que não se limite à graduação, incluindo um respaldo cultural.

Em contrapartida e fazendo uso de outras palavras, percebe-se que a formação docente estabelece momentos de apuração crítica, uma bibliografia que fomente a leitura e a reflexão da prática. Quanto mais for emancipado o sujeito professor, maiores chances o educando com quem trabalha terá de ser incentivado a alcançar um nível maior de liberdade.

Embora seja desafiador para o mestre a missão de motivar o educando a ser autônomo, crítico, protagonista das decisões da sociedade e do ambiente de que faz parte. Segundo Freire (2011, p. 43), a prática pedagógica da sala de aula, não deve ser pensada para o educando, mas com o educando, ele pode e deve apresentar o que de fato é para ele importante aprender. Dessa forma, o educando deixará a posição de oprimido assumindo a libertação, caso a deseje. Freire (2011, p.48), compara “libertação” ao “parto” ilustrando uma ruptura com a estrutura estabelecida até então para a educação, um processo doloroso, que precisa ser gerado na mente das pessoas, até poder irromper. Maria Antônia de Souza, no livro intitulado Educação de Jovens e Adultos faz uma pequena delimitação das características relacionadas ao perfil dos educandos da EJA:

Dessa forma, os sujeitos da EJA hoje são diversos: trabalhadores, aposentados, jovens empregados e em busca do primeiro emprego; pessoas com necessidades educativas especiais, para citar alguns. Daí decorre também a preocupação com o conceito de diversidade cultural no contexto da EJA. Os sujeitos da EJA atualmente são o trabalhador experiente e o jovem com outro tipo de experiência no mundo (SOUZA, 2011, p. 20).

Há situações em que a autora coloca a variedade de situações que o educador da EJA pode encontrar em sala de aula. Um quadro que vem se formando há pouco tempo, mas que justifica o nome dado à modalidade é a formação de turmas da EJA com a presença cada vez maior de alunos jovens, o que não era comum há alguns anos.

Ao passo que estes chegam às escolas por motivos como, conseguir emprego; por questões de indisciplina, pois “atrapalham o desenvolvimento da aula”; por serem pessoas com necessidades educativas especiais e em decorrência disso serem reprovados por diversas vezes,

dentre outros fatores. Quanto ao perfil do educador, muitas vezes os mesmos não são graduados em Pedagogia. Pode-se encontrar nas salas da EJA professores licenciados em Letras, Biologia, Matemática ou com outras graduações.

Ao propor essa abertura é possível uma vez que o ensino na modalidade pode ser ministrado de modo unidocente, quando nos anos iniciais. Além disso, são os profissionais das demais licenciaturas que atuam em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Esse professor, em alguns casos, possui uma pós-graduação, pertence em geral à classe média baixa e quase em todos os casos, trabalha em dois ou três turnos. Também, em várias das situações relatadas, embora.

5.1 Um passeio pelos gêneros textuais

Nossa discussão procura centrar em pontos que coloquem em evidência outras características do gênero, a saber: (i) aos gêneros é inerente o caráter de dinamicidade; (ii) os gêneros resultam de um trabalho coletivo, produzido pelas pessoas no seio das esferas sociais, trabalho que reflete e alimenta as demandas comunicativas das pessoas; e, por fim, (iii) nesse trabalho são construídos sócio cognitivamente modelos sociais dos gêneros.

A concepção de gêneros textuais são artefatos linguisticamente realizados dentro de uma comunidade social comunicativa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) sinalizam que o trabalho escolar deve contar com uma gama variada de gêneros textuais. Nessa perspectiva, é necessário contemplar nas atividades de ensino a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (BRASIL, p. 23)

Como manifestações históricas os gêneros discursivos estão associados a comunicação portanto, estes são auxiliares no convívio social do homem, propondo-o criar e modificar, sendo a linguagem elemento fundamental na interação com o meio, ou seja, o ensino de gêneros possibilita o educando além de aprimorar a habilidade de decodificação da língua, compreender, modificar, comunicar e exercer um papel ativo na sociedade em que está inserido.

Os gêneros textuais compõem um conjunto aberto com componentes incontáveis, um gênero textual é uma realização linguística que realiza alguma função na situação comunicativa e que se assemelha quanto à função e ao conteúdo. É inviável definir a importância de um gênero ou determinar que algum deles seja mais útil do que outro, pois todos estão presentes na

sociedade além de ser um conjunto que está em constante mudança. Falando sobre a importância dos gêneros textuais Marcuschi diz que

[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso por que toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção gênero textual no trato sócio interativo da construção linguística. Em consequência, estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Assim, fica exposto que é impossível se comunicar na sociedade sem a utilização dos gêneros textuais, pois toda forma de comunicação ocorre por meio de textos e os textos se manifestam por meio dos gêneros textuais.

Os gêneros são diversificados e inúmeros, mas é possível conceituar e definir a utilização deles, dentre os gêneros textuais pode-se citar o e-mail, os anúncios publicitários, a receita, a carta pessoal e a carta ao leitor. Os gêneros são uma realização linguística visando algum objetivo comunicativo, por isso é fundamental o estudo dos gêneros textuais e sua aplicabilidade no seu dia a dia nas aulas de Língua Portuguesa, pois somente estudando os gêneros presentes na sociedade é que o indivíduo vai estar apto para produzir esses gêneros e participar da comunicação social.

Visando atingir essa capacidade comunicativa o livro didático traz diversos exemplares de gêneros textuais que circulam socialmente, sendo que no processo de ensino-aprendizagem desses gêneros é importante que eles não sejam apresentados como uma forma de introduzir a gramática e também que a situação comunicativa na qual aquele gênero deve ser utilizado seja esclarecida aos alunos para que eles dominem não somente a forma linguística de estabelecer a comunicação, mas também o contexto adequado a ela.

Diante da multiplicidade de gêneros existentes e diante da necessidade de escolha, pergunta-se: será que existe algum gênero ideal mais que o outro? Ou será que existem gêneros que são mais importantes que outros? Os próprios PCNs têm grande dificuldade quando chegam a esse ponto e parece que há gêneros mais adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura, pois tudo indica que em certos casos somos confrontados apenas com um consumo receptivo e em outros casos temos que produzir textos.” Assim, um bilhete, uma carta pessoal e uma listagem são importantes para todos os cidadãos, mas uma notícia de jornal,

uma reportagem e um editorial são gêneros menos praticados pelos indivíduos, mas lidos por todos.” (Ibid., p. 206).

Isso deixa claro que é importante ter conhecimento tanto dos gêneros textuais com os quais o indivíduo terá contato nos meios de comunicação e na mídia como os jornais, revistas, reportagens e anúncios publicitários, tanto quanto aquele que o indivíduo terá a necessidade de produzir em algum momento de suas vidas. Assim, fica comprovada também a necessidade do domínio dos gêneros textuais para poder interagir na sociedade.

5.2 Gêneros textuais significativos para o trabalhador rural da Caatinga: dialogando com as instituições

Figura 04: sindicato dos trabalhadores rurais de jacobina



Aqui apresentamos um recorte temporal entre os anos de 2016 – 2017, na tentativa de desvelar situações didáticas que irão respaldar os gêneros textuais como instrumento de trabalho. Contudo, é importante lembrar que a base de tais gêneros tem um caráter amplo nas discussões atuais na Escola Inovadora, e assim, no intuito de visar e transmitir com maior clareza a esses alunos como seus significados são representativos e têm simbologias próprias. Além de dar visibilidade a ação comunicativa e a projeção do sujeito através da análise crítica, para dar a capacidade de se posicionar diante de determinadas situações comunicativas.

Entretanto, a representação de gêneros como, propagandas, tirinhas, capas de revistas, vídeos etc. E, através do discurso verbal e imagético estingar seus respectivos leitores a terem uma compreensão clara e subjetiva das questões, sociais e políticas, históricas ideológicas que

possam vim enunciados inseridos nos gêneros. Dando assim, possibilidade de seus receptores terem uma visão pragmática do que vem sendo explicitado nestes textos.

Em contrapartida, a proposta da pesquisa é trazer a abordagem a partir dos gêneros textuais e assim fazer uma investigação tendo como eixos a análise verbal e imagética, como também a interação dialógica e social.

Acredita-se que, todo ato comunicativo possa possibilitar ao leitor uma visão crítica dos diversificados textos direcionados no cotidiano ou não, em turnos de falas para que ocorra uma comunicação efetiva e venha contribuir para uma melhoria do discurso daqueles que foram renegados pela sociedade. Por outro lado, é necessário enfatizar que todo o trabalho a ser executado nas Escolas Brasileiras deve ser levado para o âmbito da educação de jovens e adultos como uma devolutiva social e com um currículo para a Educação Popular enquanto políticas públicas.

Por conseguinte, para compreendermos a Educação de Jovens e Adultos faz-se necessário conhecer as suas especificidades em relação a quem são os jovens, os adultos e idosos atendidos por essa modalidade de educação. Devemos ter consciência de sua condição social: “não-crianças,” “excluídos,” e “membros de determinados grupos e classes sociais.”

Torna-se ainda necessário considerar os jovens, os adultos e os idosos em suas situações concretas existenciais. Assim é que surgem os gêneros textuais como uma necessidade de uso e de domínio da linguagem, na concepção de Bakhtin, histórica e social pelos jovens e adultos da EJA para o ingresso no mundo do trabalho portanto, gêneros textuais são textos específicos, com caracteres próprios, em situação social para a inclusão, em diversos contextos humanos, quer seja no mundo do trabalho, quer no social ou no familiar; logo tanto a entrevista, como os formulários e as cartas são gêneros textuais em situação de interação social.

Assim, no mundo letrado e globalizado como o de hoje, o fluxo de informações, as muitas possibilidades de acesso a estas, as reconfigurações do espaço e do tempo marcam a vida dos grupos sociais, coletivamente, e dos seus membros, individualmente. Diante desse contexto, o conhecimento de habilidades de leitura e de escrita surge como um passo inicial para o acesso à informação e para a participação em conexões interativas, intergrupais e interpessoais, constituídas sob o impacto da globalização. Neste fenômeno, a informação pode agir como elemento central de uma rede de significações sociais, ressignificando práticas sociais comuns, como o ato de ler e de escrever, à medida que os canais e suportes usados para a circulação dessas informações entre os sujeitos sociais são os mais diversos. Justamente por isso, nos dias de hoje, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas.

Assim sendo, a Educação é imprescindível para que o Homem seja formado. O homem não se determina como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que necessita se transformar, se recriar como Ser Humano. Esse ser deverá congrega uma natureza em tudo distinta das outras criaturas. Ao nascer, o homem não se acha equipado nem preparado para nortear-se no processo de sua própria existência. A ação de constituir o ser humano se dá em dois planos distintos e integrantes: um de fora para e outro de dentro para fora. Pelo primeiro ele precisa ser educado por uma ação que lhe é externa, de modo igual à ação dos escultores, que tomam uma matéria informe qualquer, uma madeira, uma pedra ou um pedaço de mármore, e criam a partir deles, um outro ser. Assim como não se deve esperar que um objeto escultural apareça de modo espontâneo, também não se deve esperar que o ser humano seja fruto de um processo de autocriação.

Gadamer (1997) afirma que a linguagem não é somente um dos dotes de que se encontra apetrechado o homem tal como está no mundo, mas que ela representa o fato de que o homem simplesmente tem mundo, isto é, para ele, a linguagem não é um instrumento com o qual o homem alcança o entendimento, mas o próprio médium da compreensão, o meio no qual se compreende e sem o qual é impossível compreender. Portanto, o mundo está aí para os homens de uma forma absolutamente diferente do modo como está para qualquer outro ser vivo. Ter mundo quer dizer comportar-se para o mundo. Ter mundo é ser capaz de construí-lo, de transformá-lo e de possuí-lo pela linguagem.

A palavra, para Bakhtin, constitui o modo mais puro e sensível das relações sociais, já que toda palavra reflete uma condição de código que refrata a realidade social a que pertencemos enquanto grupos, comunidades, etc. Ainda que o homem não precisasse da linguagem para sua comunicação com o mundo, ela é indispensável para suas atividades mentais.

A conversação vai além da comunicação cara a cara, já que o embate dessas duas vozes oferece duas faces: de um lado, procede de alguém, de outro, se dirige a alguém. Desse modo, toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Ela é lançada de um para o outro e adentra, literalmente, em todas as relações sociais, em todas as relações entre os sujeitos. Portanto, é a palavra o produto da interação entre o eu e o outro. É neste sentido que o eu só existe na medida em que se relaciona com o tu.

Bakhtin, nos seus estudos sobre a interação verbal entre sujeitos, destaca quatro Aspectos:

a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem;

b) a significação das palavras depende da relação entre os sujeitos;

c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;

d) há dois tipos de sociabilidade: a relação entre os sujeitos, e a dos sujeitos com a sociedade.

Logo, ele avalia o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Bakhtin insiste no fato de que o discurso não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Assim, para ele a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra, e sim, complexa. Ignorar a natureza dialógica da linguagem é o mesmo para Bakhtin, que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida.

Portanto, ele construiu uma concepção histórica e social da linguagem. Ver o homem como responsável por suas práticas, em parceria com os demais, criando nessa influência mútua suas crenças, suas leis, suas verdades, sua cultura, traz inúmeros efeitos, pois significar mexer com acomodações apaziguadas pelo senso comum e legitimadas por “autoridades”. Assim, significa questionar essas autoridades, muitas vezes representadas por instituições que são refratárias a críticas, por se apresentarem como “proprietárias” do saber e da verdade. Por conseguinte, a linguagem não é apenas resultado da interação social, é a própria condição para a classe humana.

Assim sendo, é neste contexto que tomo o Letramento de jovens e adultos na EJA, a partir dos gêneros textuais como prática pedagógica inclusiva, uma vez que o conhecimento e o domínio da linguagem contemporânea que envolve as práticas cotidianas de qualquer cidadão são indispensáveis para a vida social e do mercado de trabalho, como tão bem coloca Ribeiro (2001, p.39):

O mundo contemporâneo passa atualmente por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas do trabalho. Estão sendo desenvolvidas novas tecnologias e novas formas de organizar a produção que elevam bastante a produtividade, e delas depende a inserção competitiva da produção nacional numa economia cada vez mais mundializada. Essas novas tecnologias e sistemas organizacionais exigem trabalhadores mais versáteis, capazes de compreender o processo do trabalho como um todo, dotados de autonomia e iniciativa para resolver problemas em equipe. Será cada vez mais intensa a necessidade de se comunicar (p.39).

Bakhtin (1995) vê os gêneros textuais como coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e o uso da língua nessas atividades, ou seja, as concepções das práticas discursivas. Por isso ele afirmava que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Assim não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas das atividades humanas, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A característica do enunciado é entendida por esse teórico como todo enunciado que refuta, confirma, complementa, retoma e reavalia outros enunciados; baseia-se neles, enfim, leva-os em conta, de alguma maneira. Assim, para Bakhtin (1995), os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade. Logo, tem-se que gêneros são padrões comunicativos, que socialmente utilizados funcionam como uma espécie de modelos comunicativos globais que representam um conhecimento social localizado em determinada situação concreta.

Luiz Antônio Marcuschi diz que os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em um determinado gênero. Podemos dizer até que o controle social pelos gêneros discursivos é incontornável, mas não determinista. Por um lado, a romântica ideia de que somos livres e de que temos em nossas mãos todo o sistema decisório é uma quimera, já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações. Por outro lado, o gênero textual não cria relações deterministas nem vincula relações, apenas manifesta-se em certas condições de suas práticas.

Desde que nos constituímos como seres sociais, nós achamos entrelaçados numa máquina sócio discursiva. E uma das ferramentas mais poderosas dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que da sua propriedade e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. Afinal quem pode expedir um diploma, uma carteira de identidade, um alvará de soltura, uma certidão de casamento, um porte de arma, escrever uma reportagem jornalística, uma tese de doutorado, dar uma conferência, uma aula expositiva, escrever um poema, uma letra musical, escrever uma carta de demissão, uma carta-renúncia, realizar um inquérito judicial, e assim por diante?

É plausível focar o Letramento na EJA, através dos gêneros textuais, como direcionados para a inclusão social através do desenvolvimento das habilidades e das competências da leitura e da escrita nas práticas da vida cotidiana e para as ações do trabalho,

como já afirmara o grande educador Paulo Freire, dizendo que o problema do domínio do letramento (alfabetização), quer oral ou escrito, em um contexto bem mais amplo, melhor dizendo, na dimensão social, que sendo um bem de todos e de todas é desigualmente distribuído, assim como a terra e o alimento. Logo a falta de letramento é mais uma forma eficiente de exclusão social de jovens e de adultos que, não dominando o universo do letramento ficam à margem das atividades sociais, e **consequentemente**, políticas, econômicas e históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar de forma detalhada como se dá a relação do aluno/trabalhador da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a participação do trabalhador rural do bioma caatinga nas leituras cotidianas para que encontre nas pistas dos textos outras informações pertinentes que venham corroborar na organização de seu discurso enquanto trabalhador e cidadão. Nesse propósito se fez necessário um estudo em que fosse outros saberes fossem validados e na compreensão de outras situações pudessem se apropriar para a contestação de sua condição humana no bioma caatinga e assim pudesse reverter o quadro de não acesso ao conhecimento.

Ao passo que todo o saber foi considerado além de serem analisados as diversas formas de gêneros textuais utilizadas nos locais mais significativos para esse público desde os panfletos distribuídos pelas empresas agrícolas, comerciais e financeiras até a produção textual fruto de

uma atividade integrativa no estágio de formação pela UNEB e de relatos de alunos trabalhadores nas atas de associação de bairros e de sindicatos.

Portanto, ao final tentei de forma exploratória trazer as indagações mais pertinentes para a formação deste trabalhador deixando-o de modo flexível todas as possibilidades encontradas neste percurso, uma vez que o trabalho de pesquisa se dá no momento que a interação com a linguagem, possibilitando ao indivíduo um olhar crítico sobre o mundo que vive.

E para que isso aconteça de forma clara e objetiva os gêneros textuais tiveram um papel transformador em relação a formação do conhecimento e no fortalecimento da cidadania e liberdade de todos os indivíduos e de uma nova intervenção pela academia no sentido de propiciar aos educandos um estágio de caráter não informal e de prática libertária e aberto para novas inclusões de vidas descontínuas que encontraram nessas atividades oportunidade de se refazer a sua trajetória tanto social quanto educacional.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. (1989), *Domaines et chateau*. Paris, Éditions du Seuil. **Lugares e não lugares**
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste**. 6 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Série Prática Pedagógica)
- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de Responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio (et al.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1977.

BAZERMAN, Charles; DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Clambliss (Orgs). **Gêneros textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2006.

BEISIEGEL, C. R. **Estado e Educação Popular**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1974.

BRASIL - Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Relator Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. Parecer 11/2000. Aprovado em 10/05/2000.

BRASIL - Ministério da Educação- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's): Língua Portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394. Brasília, 20 dez 1996.

CLEMENTE, Fabiane apud GIL, A. C. (2007). **Pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica: Alguns conceitos básicos**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos/14316/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração** (2 ed.). Porto Alegre: Bookman, 2005.

CUNHA, Conceição Maria da. Introdução - discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC, **Salto para o futuro** - Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método I. Trad. Paulo Flávio Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira & SOARES, Leôncio José Gomes. História da Alfabetização no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Alfabetização de Adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva de** GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e SOARES, Leôncio José Gomes. História da **letramento**. 3. ed. 1 reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

- GIULIETTI, A.M. & PIRANI, J.R. **Patterns of geographic distribution of some plant species from the Espinhaço Range, Minas Gerais and Bahia, Brazil.** In: Vanzolini, P.E. & Heyer, W.R. (eds.). *Proceeding of a workshop on Neotropical Distribution Patterns*, Academia Brasileira de Ciências Rio de Janeiro, 1988, p. 39-69.
- GOMES, Antenor Rita. *Linguagem imagética e educação*. Guarapari, ES: Ex Libris, 2008.
- HIND, D.J.N. *Compositae*. In: B.L. Stannard (ed.). **Flora of Pico das Almas - Chapada Diamantina, Bahia, Brazil**. Royal Botanic Gardens, Kew. 1995.
- IRELAND, Timothy Denis. *Revisitando a CONFINTEA: sessenta anos de defesa e Promoção da educação de adultos*. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, Vol. 1, nº 1, 2013.
- JACOMINE, P.K.T. *Distribuição geográfica, característica e classificação dos solos coesos dos Tabuleiros Costeiros*. In: REUNIÃO TÉCNICA SOBRE SOLOS COESOS DOS TABULEIROS COSTEIROS, Cruz das Almas, 1996. **Anais**. Aracaju, EMBRAPA-CPATC & CNPMF / EAUFBA / IGUFBA, 1996. p.13-26.
- KELLNER, Douglas. *Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação).
- KRUCKEBERGER, A. R. & D. RABINOWITZ. **Biological aspects of endemism in higher plants. Annual Review of Ecology and Systematics**. 1985.
- MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. *Gêneros Textuais: definições e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). **Gêneros textuais & ensino**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- NÓVOA, Antônio. (Org.) *Profissão professor*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- NÓVOA, Antônio. (Org.) *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- PINHEIRO, C.F. **Avaliação geoambiental do município de Jacobina-BA através das técnicas de geoprocessamento: um suporte ao ordenamento territorial**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2004.
- PINTO, Carla Gioconda Alves. **Visualidades educacionais: imagem, cultura visual e trabalho pedagógico**. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2008. Dissertação (Mestrado).
- PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Rita apud THEODORSON, G. A. & THEODORSON, A. G.(1995). **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Disponível em:

<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_arttext&tlng=> Acesso em 20 out. 2017.

RAPINI, A., MELLO-SILVA, R., KAWASAKI, M.L. **Biodiversity and Conservation**. 1733-1746, 2002.

RESENDE, M.; CURI, N.; RESENDE, S.B.; CORRÊA, G.F. *Pedologia: base para distinção de ambientes* (5.ed.). Lavras: Editora UFLA, 2007, 322p.

RIBEIRO, Vera Masagão. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 68, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a10v2068.pdf> >. Acesso em 01 set. 2017.

SÁ, I.B.; SILVA, P.C.G (Eds). **Semiárido brasileiro**: pesquisa, desenvolvimento e inovação. Petrolina, Embrapa Semiárido, 2010. 402p. THOMAS, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Semear outras soluções**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Gislene Maria Mota dos. **A formação dos professores da EJA na perspectiva dos textos visuais**. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia, MPEJ (Dissertação Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2015.

SOARES, Leôncio e SIMÕES, Fernanda Maurício. A formação inicial do educador de jovens e adultos. Porto Alegre, RS: *Revista Educação & Realidade*, v. 29, n. 2, p. 25-39, jul-dez 2004.

SOARES, Leôncio. Avanços e desafios na formação do educador de jovens e adultos. In: MACHADO, Maria Margarida (Org.). *Formação de Educadores de Jovens e Adultos– II Seminário Nacional*. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008. P. 57-71.

SOARES, Leôncio. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (et al.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação de Jovens e Adultos**. 2. ed. Curitiba: Xibpex dialógica, 2011.

THIOLLENT, Michel. *Pesquisa-Ação nas Organizações*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

TOURINHO, Irene e MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

ANEXOS

Figura 05: Banco do Brasil



Figura 06: Agencia de Desenvolvimento Agraria da Bahia



Figura 07: Convite

A Associação de Ensino e Cultura de Cachoeiras de Macaúba convida

Feirinha de Artesanato
Cachoeiras de Macaúba RJ

AGENDA DE FIM DE ANO

- SÁB 7/12
- DOM 8/12
- SÁB 10/12
- SÁB 21/12
- SEG 23/12

HORÁRIO: 9H AS 21H

LOCAL: PRAÇA MANOEL DIZ MARTINEZ

Associação de Ensino e Cultura de Cachoeiras de Macaúba
Cultura

APÊNDICES

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: Raquel de Oliveira Souza. Data _____

PROFESSOR: _____

LINGUA PORTUGUSA:

ATIVIDADE

1º onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

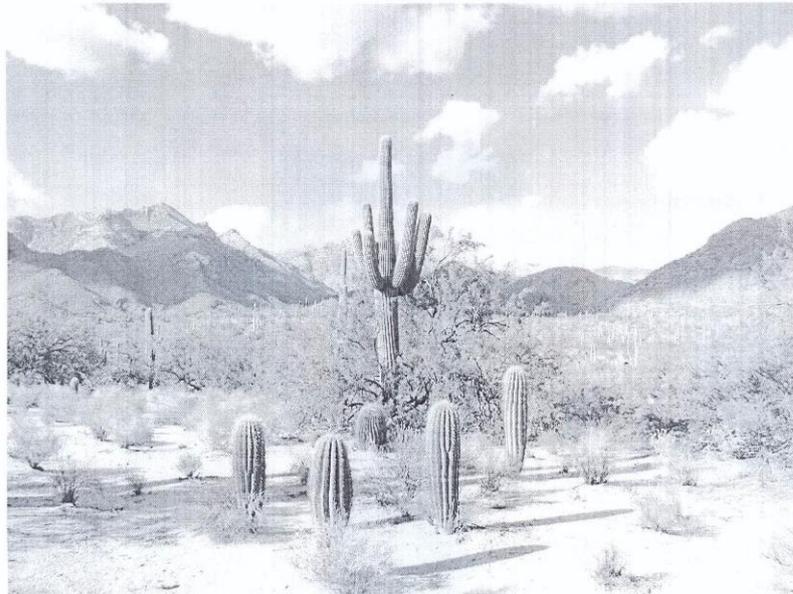
Em Jacolina, caatinga.

2º com é a vegetação da caatinga?

Seca.

3º a partir da imagem a baixo faça uma relação com lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

clima muito seco, escasso de água.



4º quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

Revistas, jornais, noticiários.

5º alguém de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

Sim. cartas de lomas, comitês da associação,
e avisos da CBDA.

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: JOÃO VITOR Data _____

PROFESSOR: JOSÉ JÚNIOR

LÍNGUA PORTUGUESA:

ATIVIDADE

1º onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

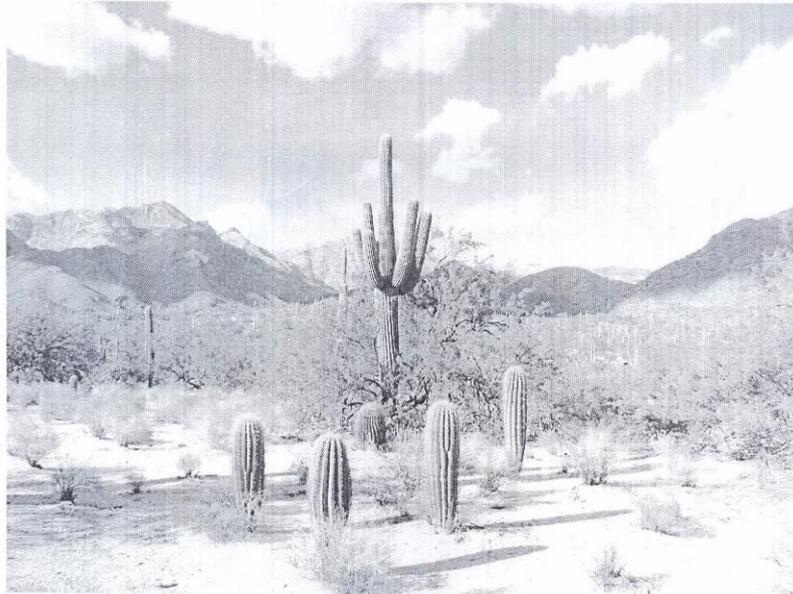
CAATINGA, JACOBINA

2º com que é a vegetação da caatinga?

SECA

3º a partir da imagem abaixo faça uma relação com o lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

PARACE COM A CAATINGA E O CLIMA DA
MINHA REGIÃO É SECO



4º quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

PLANFETOS, CARTAS, JORNAIS, REVISTAS

5º alguém de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

SIM, CARTAS DO BANCO, PAPEIS DA ASSOCIAÇÃO, CONVITES DA EBDA

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: Daniel Augusto dos Santos Data _____

PROFESSOR: _____

LÍNGUA PORTUGUESA:

SUJEITO DS

ATIVIDADE

1º onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

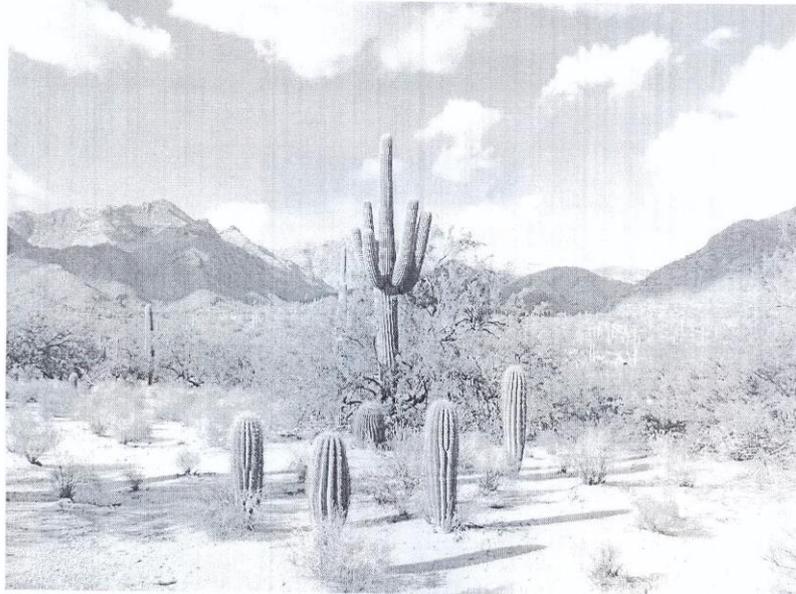
Jacobsina - Caatinga

2º com é a vegetação da caatinga?

Seca

3º a partir da imagem a baixo faça uma relação com lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

A imagem a baixo se assemelha com o lugar onde eu moro, e o clima é seco!



4º quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

Outdoors, Revistas, Propagandas e jornais.

5º quem de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

Sim, jornais, revistas, e-mails do banco do Brasil, convites da associação, convites da EBDA.

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: Janell Lopes Lima Data _____

PROFESSOR: _____

LINGUA PORTUGUSA:

ATIVIDADE

1° onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

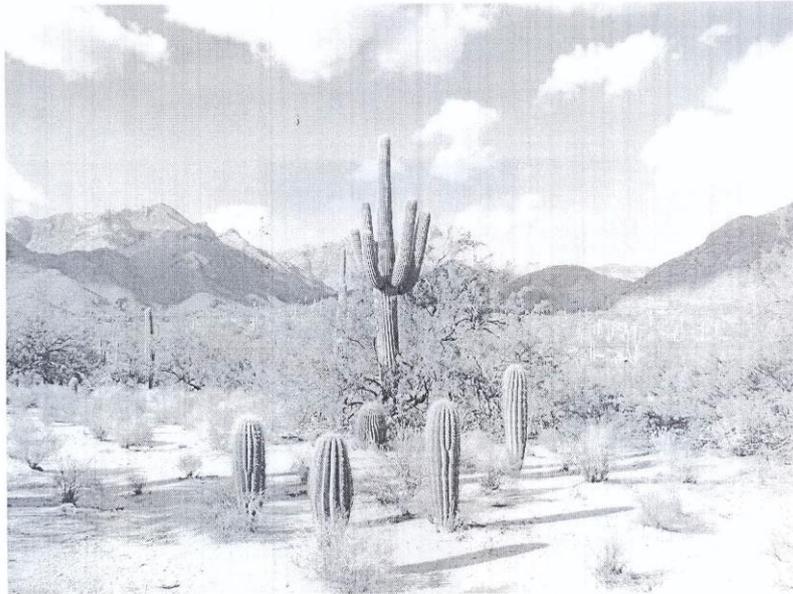
Jacobina Caatinga

2° com é a vegetação da caatinga?

Seca

3° a partir da imagem a baixo faça uma relação com lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

parece, clima seco



4° quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

formas, propaganda

5° alguém de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

o email da Banca, cometo
da associação

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: Adriano Augusto Data _____

PROFESSOR: _____

LINGUA PORTUGUESA:

SUBJEITO 03

ATIVIDADE

1º onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

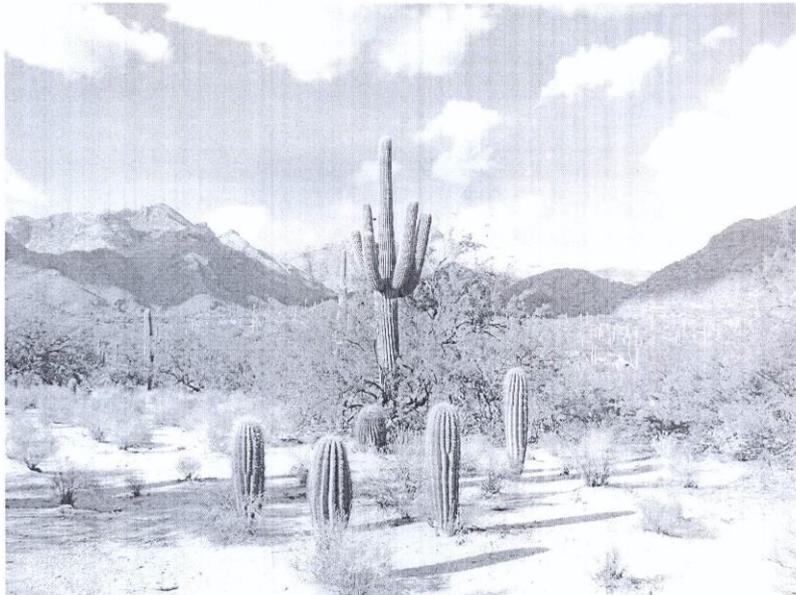
Jacobina, Caatinga.

2º com é a vegetação da caatinga?

Seca

3º a partir da imagem a baixo faça uma relação com lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

A umidade parece com a minha região e o clima lá é seco



4º quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

jornais, revistas, outdoors, propagandas

5º alguém de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

Sempre, e-mails do banco, convites da associação
informática de Enda

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: Jose Adriano Silva Santos Data _____

PROFESSOR: _____

LINGUA PORTUGUESA:

SUJEITO 01 =

ATIVIDADE

1º onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

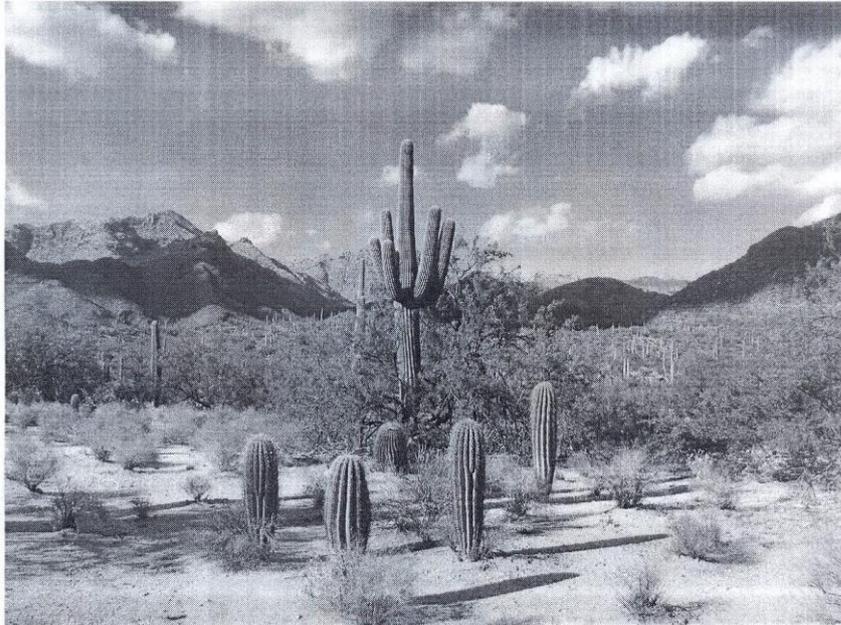
Jacobina, Caatinga

2º com é a vegetação da caatinga?

Seca.

3º a partir da imagem a baixo faça uma relação com lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

Parece muito com a região onde eu moro, ela é seca.



4º quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

Revistas, outdoors, jornais e propagandas.

5º quem de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

Informativos do Banco do Brasil, panfletos da Associação e documentos da EBDA.

[Gemi papo]

ESCOLA: DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO (CENEB), Centro noturno de Educação da Bahia.

ALUNO: Caio Wallacy Soares de Souza Data _____

PROFESSOR: _____

LINGUA PORTUGUESA:

ATIVIDADE

1º onde você mora? qual o bioma predominante desta região?

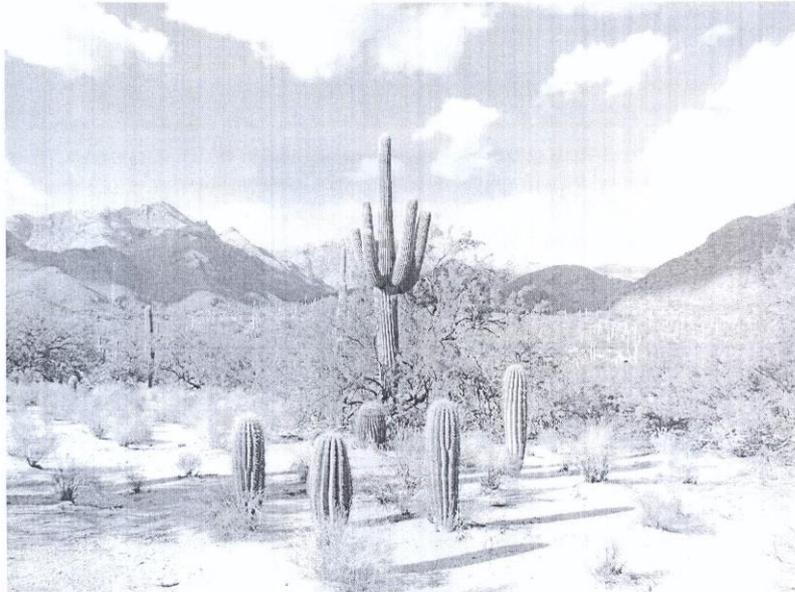
Jardim Caatinga

2º com é a vegetação da caatinga?

Seca

3º a partir da imagem a baixo faça uma relação com lugar onde você mora e explique o clima existente em sua região.

Parece muito o clima e
seca na maioria do ano e as
nuvens humida



4º quais os tipos de gêneros textuais que mais circulam em sua comunidade.

Jornais, Revistas, Chamfletos, Anúncios

5º alguém de sua família já pediu para você ler algo para eles e o que?

As regras Anúncios de Jornais, convites da Associação, Cartão de Barco e anúncios da EBPA.

QUESTIONÁRIO

1° Quando você lê, lê o que?

2° Você já sentiu dificuldade de ler algo fora da escola?

3° Seus Pais já pediram ajuda na leitura?
